

O púlpito barroco português e os seus conteúdos doutrinários e sociológicos – a pregação seiscentista do *Domingo das Verdades*

As sínteses que publicámos no *Dicionário de História Religiosa*¹ e no volume dedicado à época moderna da *História Religiosa de Portugal* ajudam a compreender o panorama da oratória sacra no barroco português². Ao dar à estampa em 1960, precedido de um breve comentário, o manuscrito 362 da Biblioteca Nacional, com a compilação de sermões avulsos impressos desde 1551 a 1706, inventariados por Bernardo Gomes, Maria de Lurdes Belchior Pontes, a partir da seriação temática do compilador, teceu alguns considerandos a atender, que não deixámos de tomar em conta³. Por outro lado, os vários sermonários que analisámos, de Francisco de Mendonça a João de Ceita, de Filipe da Luz a António Vieira, de Rafael de Jesus a António Franco, ou seja, alguns dos mais representativos saídos ao longo da época áurea até à decadência do barroco, bem como os para além de um milhar de sermões avulsos compulsados, permitiram-nos confirmar estas duas linhas axiais: a existência de uma *pregação ordinária*, confinada, no calendário litúrgico, à própria do tempo desde o Advento ao último domingo depois do Pentecostes, com as celebrações dos mistérios de Cristo e da Virgem, e as festas obrigatórias do santoral, em dia fixo, no decorrer do ano; e a *pregação extraordinária* de sermões ltuosos, gratulatórios, deprecatórios, penitenciais e outros. O teor destas pregações pode ser doutrinário, panegírico, moralista e apologético, ou haver algo de tudo isso, numa simbiose híbrida, a tornar dificultosa a aplicação

¹ João Francisco MARQUES, «Oratória Sacra ou Parenética», in *Dicionário da História Religiosa de Portugal*, PV – Apêndices, Lisboa, 2001, 470-510.

² João Francisco MARQUES, «Pregação», in *História religiosa de Portugal*, vol. 2, Lisboa, 2001, 393-417.

³ Maria de Lourdes BELCHIOR, «A oratória sacra em Portugal no século XVII, segundo o manuscrito 362 da Biblioteca Nacional de Lisboa», in *Arquivos de Bibliografia Portuguesa*, ano VI, n.ºs 23-24 (Coimbra, 1961), 5-49.

de uma malha tipológica. Aniversários de natalícios régios, exéquias, tardes de Advento e Quaresma, missões populares e autos de fé, assembleias capitulares de ordens religiosas e sínodos diocesanos, sagrações de templos e canonizações, profissões monásticas e tomadas de hábito, bem como um leque de devoções centradas em invocações de Cristo, englobando os Passos, o sofrimento da Cruz e as sagradas Chagas, a acrescentar às numerosíssimas de louvor e protecção da Virgem Maria e ao infindo cortejo dos santos padroeiros, taumaturgos e intercessores, passando pelo pietismo dolorido e penitente das lágrimas do apóstolo Pedro e de Maria Madalena, são circunstâncias que proporcionam desenvolvimentos ditados pela natureza do acto pio e pelos sentimentos que o pregador pretende despertar nos ouvintes. O catequético e o ascético, o emotivo e o ético constituem os mares em que navega esta pregação barroca, a partir de Trento normativamente pautada ou, ao menos, recomendada. Os desvirtuamentos e excessos que a caracterizam, em obediência aos modismos retóricos e literários, podem ver-se na denúncia de Vieira no sermão da sexagésima⁴.

A esquematização de escopo homiliético, não obstante a divisão em pontos, perdura na maioria do sermonário barroco, servindo-se o orador do núcleo inspirativo que o tema evangélico proporciona para a distribuição e o teor dos desenvolvimentos. Bem recomendavam aos pregadores as constituições diocesanas pós-tridentinas, com as do Porto de 1687, algum domínio da psicologia de massas, de conhecimento do meio, de prudência nas exigências da mensagem a transmitir⁵. O panegírico dos santos, a exaltação das qualidades do defunto, eclesiástico ou leigo, e as reflexões moralistas a propósito dos pecados e virtudes, estas mais palavrosas do que de autêntico sumo ascético, saturavam a oratória sacra barroca. A exposição doutrinariamente sólida dos dogmas da fé, estilo sermão francês coevo, é mui raro encontrar na parenética dos meados do século XVII a XVIII, que aliás cede o passo a esse “apostilhar o Evangelho”, de que fala Vieira, já que a eloquência eclesiástica trocara o *docere* pelo *delectare*⁶. E, sem ciência teológica ou intenção de transmiti-la de forma inteligível e despida de subtilezas conceitistas, nem consciência do ridículo, persistiam a ignorância religiosa e o ridículo que provocava o riso dos ouvintes, como na realidade sucedia, para cujas sequelas as disposições sinodais chamavam a atenção⁷.

⁴ Ver edição do «Sermão da Sexagésima», com apresentação crítica e notas de Margarida Vieira MENDES, *Sermões do Padre António Vieira*, 3ª ed., Lisboa, 1987, 101-108.

⁵ «Título IV, constituição IV», *Constituições Sinodais do Bispado do Porto* (1687), Coimbra, José Ferreira Impressor, 1690, 266.

⁶ «Sermão da Sexagésima», in *op. cit.*, 111.

⁷ *Constituições Sinodais do Bispado do Porto*, 266.

O sermão barroco português, é facto, inscreve-se em circunstâncias históricas, culturais, sociológicas e devocionais, marcadas pela atmosfera da época e pela disciplina e orientação doutrinária tridentinas⁸. O ambiente inquisitorial que se abateu sobre a sociedade portuguesa nos finais do reinado de D. João III, com acentuada pressão sobre a produção literária, também se fez sentir no púlpito. Os colégios jesuíticos e o empenho das ordens mendicantes, bem como de carmelitas, agostinhos e jerónimos, na educação da juventude e na catequese, são credores do esforço feito para se mudarem mentalidades e condutas morais e religiosas, afectando a espiritualidade e a piedade popular. O humanismo renascentista, se incrementou a admiração pelo classicismo greco-latino, abriu-se a um biblismo polifacetado de que a parenética se tornou eloquente eco. A ascese penitencial, a atracção mística, a pobreza, a condenação pública de injustiças e abusos de poder, do perjúrio e corrupção de costumes, da licenciosidade, e do cortejo de infanticídios e perversões sexuais motivam insistentes apelos à conversão, ao aperfeiçoamento individual, à reconciliação e ao perdão sacramental. A reforma das ordens religiosas e da disciplina monástica corria paralela à requerida para toda a igreja católica, atingida pelo desgaste de males antigos e profundos. A criação de seminários e de novas universidades visava a elevação intelectual do clero diocesano, o mais abandonado. A pregação barroca de toque evangélico soava, quando presente, a corajosa denúncia da falta de «temor de Deus e de amor à virtude». Havia, ao ser proclamada a palavra de Deus, exemplificações, expressas ou veladas, admoestações, conselhos e reflexões doutrinárias intencionais, a pretexto da verdade e da hipocrisia, da justiça e da obediência, como ao dever da correcção fraterna. As celebrações do calendário litúrgico e as frequentes ocasiões em que se recorria ao acto religioso como meio para, em momentos de alegria e temor, se agradecer e solicitar o auxílio divino, deram lugar a um discurso eclesiástico com largo reflexo de problemas e matérias profanas. Pretextos ocorrentes não escasseavam para que o sermão enveredasse, nítida ou subtilmente, por caminhos onde transpareciam preocupações sociais e políticas imediatas a incrementar. E, se a argumentação respeitava a estrutura religiosa e a expressão a linha retórica preceituada, a sua veemência traduzia o temperamento do pregador, mobilizando os sentimentos do

⁸ As Constituições Diocesanas, saídas de sínodos posteriores ao Concílio de Trento, citam, quanto à pregação, as normas decretadas. É da Sessão V, de 17 de Junho de 1546, o «*Decretum secundum: super lectione et praedicatione – de verbi Dei concionatoribus et quaestoribus eleemosynariis*». Ver texto completo, v.g., in *Les Conciles Oecumeniques. 2 Les Decreets*, dir. de G. Alberigo, Paris, 1994, c. 9-17, 1363-1365 (669-671).

auditório em ordem à acção. Aqui se recorta a importância desta parénese, como elemento catalizador de atitudes colectivas que se pretendiam fomentar⁹.

Se a tendência moralista afecta, em geral, a pregação, uma vez que a conversão interior tem a sua tradução na conduta honesta segundo os ditames da lei divina, a época barroca, de índole pessimista e discurso morigerador, acabava por aceitar esses tons de severa repreensão e aconselhamentos práticos em ordem a uma vida virtuosa, garante da salvação individual. A liberdade disfrutada, ao tempo, pelo púlpito vinha, assim, ao encontro da orientação e teor que alguns oradores sacros imprimiam aos sermões do 5º domingo da Quaresma – *o domingo das verdades* –, proporcionando alguns dos mais típicos espécimes desse período, mormente de seiscentos, pelo olhar crítico que assestam sobre a sociedade portuguesa coeva.

Daí haveremos escolhido uns tantos para detida análise.

É dever do pregador evangélico, reconheça-se, proclamar a verdade com desassombro e independência. De resto, ao surgir no púlpito, não era outra a atitude que, em teoria, dele se esperava, se bem que, na prática, muito dependia da qualidade da pessoa, das circunstâncias do discurso e do lugar da pregação. Por outro lado, não existia motivo para caber a um dia, melhor que a outro, o desempenho desta obrigação. Os textos bíblicos, próprios da celebração eucarística, condensavam potencialmente vasta matéria para se escolherem temáticas, motivarem desenvolvimentos, legitimarem hermenêuticas e acomodações aplicáveis às necessidades do auditório, à actualidade de acontecimentos e conjunturas. Constituía assim o sermão, sobretudo em tempos mais recuados e de generalizada carência de alfabetização, um *mass media* poderoso, de enorme eficácia colectiva. Reflexo de doutrinas, ideologias e mentalidades, torna-se também barómetro e directório da consciência religiosa e da conduta moral dos fiéis. Na cadência ritmada dos ciclos litúrgicos, não escasseavam ao pregador ensejos para insistir em certas exposições analíticas em que a denúncia de vícios e a proposta de virtudes eram pertinentes e podiam ser concretizadas através de referências à vida quotidiana e oportunas admoestações de acordo com a especificidade do auditório.

Múltiplos são os textos impressos que a sermonária seiscentista portuguesa oferece nesse particular, com a curiosidade de alguns respeitarem ao 5º Domingo da Quaresma, pela liturgia denominado da Paixão e que uma tradição nacional, de que os oradores sacros se fazem eco, apelida das verdades, a justificar particular

⁹ Sobre o assunto, ver João Francisco MARQUES, *A Parenética Portuguesa e a Restauração 1640-1668. A Revolta e a Mentalidade*, 1º vol., Porto, 1989, 3-22.

atenção¹⁰. Com efeito, o mais famoso dos oradores, o P. António Vieira, baseado no conteúdo da narrativa evangélica daquele dia, em que “tanto se espera o assunto dos pregadores”, no púlpito da matriz da cidade brasileira do Maranhão, observa: “É este Evangelho do domingo quinto da Quaresma chamado comumente o domingo das verdades; todos os domingos têm este sobrenome, porque em todos prego verdades, e muito claras, como tendes visto”¹¹. Note-se que, para o eremita agostiniano Fr. Cristóvão de Foyos, “este domingo é chamado por antonomásia das verdades, e verdadeiramente quando não fora obrigação do orador pregar verdades, até o título do dia condenaria hoje calá-las”¹². O jesuíta P. Manuel da

¹⁰ Há denominações semelhantes na liturgia visigótica, outrora em vigor no território português, sob designações ligadas a certos domingos e dias de Quaresma, a partir da passagem do evangelho da missa do dia, tais como: o da *Samaritana* (6ª feira da 3ª semana da Quaresma), o de *Lázaro* (6ª feira da 4ª semana da Quaresma), o de *Endoenças* (quinta-feira Santa) que davam lugar a sermões de temáticas análogas. O que hoje representam as tribunas jornalísticas para a opinião pública era, no passado de séculos atrás, um dos assumidos desempenhos do púlpito, nomeadamente de alguns de reconhecida e natural audiência por motivações religiosas várias. No tempo do oratoriano P. Manuel Bernardes, mantinha-se, e com vigor, a constante do tratamento na pregação de assuntos político-sociais. Ao apontar o dedo crítico ao excesso, nem nega o facto nem lhe escamoteia a importância, como se verifica nesta sintomática passagem de *Os Últimos Fins do Homem*, escrito do primeiro quartel do século XVIII: «O que muito ordinariamente ouvimos aos pregadores deste tempo são ditames políticos e razões de Estado, tocando nos vícios dos que governam, talvez com demasiada clareza e individuação, e porventura para saborear a gente popular, sempre queixosa. E dado que esta matéria em alguma ocasião possa ser proveitosa se se tratar como deve, quanto mais aproveitaria, deixando de tosquiar as ramas desses vícios, procurar arrancar-lhe as raízes, que são a falta de temor de Deus, a pouca consideração dos novíssimos, que nos esperam, a frieza da caridade do próximo e outros pontos semelhantes. Além de que esta tal matéria não é para todos os tempos, nem para todos os auditórios, nem para todos os pregadores» - Padre Manuel BERNARDES, *Obras*, vol. V: «Os Últimos Fins do Homem», Porto, Lello e Irmão – Editores, s/d, 355.

¹¹ António VIEIRA, «Sermão da Quinta Domingo da Quaresma (Pregado na Igreja Maior da Cidade de S. Luís do Maranhão no Ano de 1654)», in *Sermões*, vol.2, t. I, Porto, Livraria Lello e Irmão, 155. O P. António Vieira, sacerdote da Companhia de Jesus, nasceu em Lisboa em 1608 e faleceu na Baía, em 1697, com 89 anos. Parte para o Brasil em 1614 e regressa a Portugal em 1641, e em 1646 inicia as suas missões diplomáticas pela Europa, seguindo em 1652 para o estado do Maranhão como missionário. Volta clandestinamente à corte em 1654 e no ano seguinte está de novo no norte brasileiro entregue ao trabalho de evangelização, permanecendo na região amazónica até 1661, altura em que é forçado pelos colonos a deixar o Maranhão rumo a Portugal. Preso pela Inquisição em 1665, é libertado três anos depois e, em 1669, dirige-se a Roma onde defende os cristãos-novos. Reentra em Lisboa em 1675, partindo definitivamente para a Baía, em 1681, ocupando o último período da vida a organizar a edição completa dos seus sermões que considerava meras «choupanas» comparados com a *Clavis Prophetarum*, esses «palácios altíssimos», de que deixou um manuscrito incompleto.

¹² Christovam de FOYOS, «*Sermam da Quinta Domingo da Quaresma que pregou na Cappella Real*», Lisboa, António Craesbeek de Mello Impressor, 1674, 3. Religioso da ordem dos Eremitas de Santo Agostinho nasceu na vila de Atouguia, na Extremadura, e professou em 1656 no Convento da Graça, em Lisboa. Frequentou Teologia na Universidade de Coimbra e exerceu o magistério em colégios da sua congregação monástica. Foi consultor do Santo Ofício e esteve em Roma onde mereceu a estima

Silva sublinha-lhe também a denominação ao lembrar que, por se disputar hoje a verdade, “se intitula das verdades esta Dominga”¹³, recordando em idêntica oportunidade: “O manifesto da verdade costuma ser o emprego ou o assunto ordinário dos Pregadores deste dia, e o tem sido o meu em outras occasioens”¹⁴.

O levantamento agora feito de tais pregações que correram impressas confinou-se, para além de Vieira, émulo e contemporâneo de Bossuet, a outro jesuíta, Manuel da Silva, a dois agostinianos, Fr. Cristovão de Almeida e Fr. Cristóvão de Foyos, e a um carmelita, Fr. Urbano de Santo António, todos pregadores seiscentistas. Actuando num dos períodos mais movimentados da história portuguesa, o da época da Restauração de 1640 e do subsequente à paz firmada com Espanha em 1668, que consolidou definitivamente a independência nacional, os autores viveram tempos de instabilidade social e insegurança política, de ambições e lutas pelo poder, de reestruturações económicas e novos alinhamentos diplomáticos, de frouxidão moral e religiosa¹⁵.

Acusava o discurso parenético a tessitura e os modismos barrocos que imperavam na oratória portuguesa, sempre dificultosos desafios para os oradores menos dotados de qualidades naturais e de tendências auto-críticas. E, se assim acontecia, não se mostravam capazes de evitarem as imitações medíocres de conceitismos rebuscados e empolamentos verbalistas confrangedoramente ociosos pelo abuso de uma retórica recorrente ao conceito predicável, usado até à exaustão. Cheios de quiasmos, paralogismos, antíteses, metáforas, alegorias, apólogos e aforismos, os sermões estiolavam-se num barroquismo decadentista e auto-destruidor, tornando a exposição obstrusa e soporativa nos meandros das agudezas pretenciosas. Se os textos do P. António Vieira superam os demais pelo fulgor da sua genialidade, com notória distância, em qualidade estilística e retórica, seguem-se-lhes os de Fr. Cristóvão de Almeida e do P. Manuel da Silva, neste núcleo for-

de Alexandre VIII. Pregador de nomeada em seu tempo, deixou impressos três sermões, entre os quais o da Quinta Dominga da Quaresma, tendo falecido em Lisboa, a 1 de Março de 1723.

¹³ Manoel da SYLVA, «Sermão Primeiro da quinta Dominga da Quaresma, na Casa Professa de S. Roque da Companhia de Jesus», *Sylva Concionatoria*, t. IV, Lisboa, Oficina de Miguel Deslandes, 1703, 223. O P. Manuel da Silva, nascido em 1628 em Ega, concelho de Condeixa, ingressou em 1643 na Companhia de Jesus. Ensinou humanidades em Almada, foi reitor dos colégios do Funchal, Porto e Évora, sendo eleito provincial em 1691. Viveu em Lisboa os derradeiros vinte anos, na Casa Professa de S. Roque, de que veio a ser superior. Celebrado orador sacro, publicou cinco tomos de sermões sob o título de *Sylva Concionatória*, dada a variedade de temas tratados. Faleceu a 12 de Dezembro de 1709.

¹⁴ Manoel da SYLVA, «Sermão Segundo da Quinta Dominga da Quaresma em Santarém», in *Sylva Concionatoria*, t. IV, ed. cit., 249.

¹⁵ Sobre a actuação patriótica dos pregadores na referida conjuntura, ver João Francisco MARQUES, *A Parenética Portuguesa...*, 2 vols.

çosa e intencionalmente seleccionado. A agressividade e a acutilância mantêm-se, porém, mais ou menos salientes a justificar a importância do seu conhecimento para a história sócio-religiosa, das ideias e das mentalidades. A motivação própria do 5º Domingo da Quaresma, para o escopo de uma pregação combativa, buscava-se na denúncia evangélica de práticas devotas túbias, de condutas incoerentes, de climas sociais decadentes, de vícios políticos perversos que se agravaram até ao final do século, como se vê no panfletismo polémico de *Arte de Furtar*, *Tempos de Agora*, *Monstruosidades do Tempo e da Fortuna* e *Anti-Catástrofe*, escritos conhecidos que circularam na época¹⁶. Em 1651 proclama o P. António Vieira, na Sé de Lisboa: se “o dia é de verdades hei-de dizer muito claramente o porquê» de os cristãos e católicos crerem em Cristo, sem crerem a Cristo”¹⁷. Sobe de tom o orador na Matriz de Maranhão, em 1654, ao advertir que no evangelho deste domingo andam juntas verdade e mentira e naquela cidade também ambas se encontram: a verdade no pregador e a mentira nos ouvintes. E, na Capela Real, recordando o cenário executório da Inquisição, pretende repetir, embora em circunstâncias diversas, conforme a passagem evangélica do dia, o acto de fé que Cristo levantou contra os judeus, porém agora dirigido contra os cristãos¹⁸. Fr. Cristóvão de Foyos, em 1674, naquele mesmo local, sente-se apostado em discorrer acerca da inflexibilidade do auditório e em denunciar-lhe a rebeldia, pelo que ousa mudar, sem contradição, o título de sermão das verdades em sermão dos porquês¹⁹. Para o P. Manuel da Silva, em 1684, no templo de S. Roque, o dia, sendo da disputa da verdade, servirá para mostrar as sem razões dos que se obstinam contra a verdade²⁰. Por sua vez, no evangelho desta domingo, Fr. Urbano de Santo António, no púlpito do Carmelo de Setúbal, em 1690, vê que aos argumentos de Jesus opõem os interlocutores a obra sem verdade, a palavra infundamentada e o pensamento altivo²¹. Equaciona-se assim a preocupação dos oradores se inserirem na letra e

¹⁶ Ver Bernard EMERY, «Litterature, Morale et Politique dans la *Arte de Furtar*. Contribution á l’Étude des Principaux Themes de l’Ouvre», in *Arquivos do Centro Cultural Português*, t. XIV, Paris, 1979, 225-251.

¹⁷ A. VIEIRA, «Sermão da Quinta Dominga da Quaresma (Pregado na Catedral de Lisboa no ano de 1651)», in *Sermões*, vol. e ed. cit., 122.

¹⁸ A. VIEIRA, *Sermão da quinta...*, ed. cit., 155.

¹⁹ C. FOYOS, «*Sermam da Quinta Dominga da Quaresma...*», ed. cit., 4.

²⁰ M. SYLVA, «Sermão Primeiro da quinta Dominga da Quaresma», ed. cit., 224.

²¹ Urbano de SANTO ANTONIO, *Sermoens das cinco Domingas da Quaresma*, Lisboa, Oficina de Miguel Deslandes, 1690, 69-83. Carmelita calçado, Fr. Urbano de Santo António nasceu em Lisboa por meados do século XVII e professou no Rio de Janeiro. Regressou a Portugal em data incerta, recebendo em Andaluzia a sua formação teológica. Gozou de notoriedade como pregador e, dos vários sermões publicados, faz parte este da Quinta Dominga da Quaresma. Foi vice-prior dos conventos da sua ordem, de Setúbal e Camarate, onde faleceu em 1711.

espírito do evangelho do dia, na continuidade de uma prática tradicional assente em confrontar o auditório com as verdades de que, no momento, mais importaria tomar consciência.

A perícopes do texto sagrado mais escolhida para tema é, no todo e em parte, o versículo 43 do capítulo VIII do Evangelho de S. João que consta da celebração eucarística e se estende até ao versículo 58, contendo uma disputa de Cristo com escribas e fariseus. De ordinário, recai a opção sobre a interpelação de Jesus aos que o acusavam de samaritano, pecador e endemoinhado, e aos que o tentaram apedrejar. Tudo dependia, como é saliente, dos vectores específicos da parénesis, conforme os objectivos a atingir, condicionados pelos circunstancialismos epocais, na linha do lugar da pregação, do auditório, e até do compromisso temporal do orador.

A assistência que acorria a escutar estas pregações era numerosa e de certa forma selecta. E, se a Capela Real do Paço da Ribeira, sita no andar nobre do palácio e uma das maiores da Europa, pouco excedia os quatrocentos e cinquenta metros quadrados²², o espaço das vastas naves da Sé de Lisboa comportaria milhares de fiéis. A fama dos pregadores era o chamariz para se encherem os templos de um auditório socialmente heterogéneo, desde reis e príncipes a cortesãos e fidalgos, de magistrados a eclesiásticos, conventuais e seculares, de burgueses ao povo mesteiral; e sempre com avantajada presença feminina, sem faltar a dos escravos, ao menos os pertencentes à criadagem que, na circunstância, acompanhava os senhores²³.

Sentenciosos e moralizantes, estes sermões com incidências sobre situações ocorrentes não iludiam um propósito evidente de uma aplicação prática ao quotidiano dos ouvintes, sendo possível descobrir-se nestas exposições parnésticas que se alongavam, no púlpito, entre uma e duas horas bem puxadas, três grandes vectores: a prática religiosa, a conduta política e o viver social. Tratava-se, no fundo, através de um discurso com um escopo mais ou menos doutrinário, de denunciar a incoerência entre a fé e a vida, o agir político contrário à norma cristã, as transgressões sociais.

Fé e vida

No exórdio do sermão deste domingo, pregado em 1651 na Sé de Lisboa, o P. António Vieira é intencionalmente provocatório ao declarar o tema que aponta

²² Albino Forjaz de SAMPAIO, *Do Amor*. Evocação da Lisboa seiscentista e de um sermão do Padre António Vieira, Lisboa, Empresa Literária Fluminense, 1923, XXIV.

²³ Albino Forjaz de SAMPAIO, *Do Amor...*, XXV-XXVI.

necessário, “nos tempos e costumes presentes”, á multidão de ouvintes, gente anódina, mas sobretudo “grandes”, leigos e eclesiásticos, porque se crêem em Cristo não crêem a Cristo²⁴. A agudeza barroca da enunciação será, de resto, o pretexto motivante e o fio condutor de todo o discurso onde a recusa dos judeus, narrada no Evangelho, em aceitar a divindade de Jesus dá coerência ao repúdio da sua verdade, enquanto a conduta dos cristãos soa a plena contradição, pois, reconhecendo-o Deus, não cumprem a sua doutrina. E logo acodem os exemplos bíblicos para tornar convincente o paralelismo da argumentação com a realidade quotidiana: crer em Deus é fazer o que Ele manda, pois a fé não pára no credo mas passa ao decálogo, de contrário resultaria a monstruosidade dos “católicos de fé e hereges de mandamentos”²⁵. A cobiça da riqueza, “pecado original do século”, torna-se o alvo privilegiado da crítica acerada de Vieira, na teia apertada de trocadilhos e antíteses. O dinheiro é erguido em ídolo universal, o do ouro e da prata, que os homens colocaram no lugar de Deus e, “se não adoram o bezerro de ouro, adoram o ouro do bezerro”, sem que caibam os dois nem na mesma bolsa, nem do mesmo templo²⁶.

A incredulidade prática, que considera irracional, tem, no entanto, um número vário de razões a justificá-la, não do lado do objecto, mas da parte do sujeito, dominado pela ganância e ambição. É, por isso, que para *crer em Deus*, ou seja ter fé especulativa, segundo a distinção da teologia escolástica, basta um acto sobrenatural, enquanto para *crer a Deus* são precisos muitos actos contra a natureza, dado as coisas que não apeteçam sempre enfrentarem a repugnância da vontade²⁷.

O então próximo embarque de Vieira para o Brasil, que inflecte momentaneamente a sua carreira de religioso da corte, trocando a actividade diplomática pela evangelização no além-mar, leva-o a exaltar o trabalho missionário²⁸. Assim, *crer a Deus* não é fé especulativa, embora para ser prática seja necessário fazer o que Deus manda e aconselha, à semelhança de Abraão que deixou a pátria e os parentes²⁹. Fere-o de repente o aguilhão da saudade, já pressentida, de mistura com um perceptível ressentimento. Na verdade, apesar da dedicação e excepcionais dotes para as tarefas de que D. João IV o incumbia junto das cortes europeias, não o bafejou o êxito aguardado³⁰. O afastamento de Lisboa, se lhe trazia um sabor

²⁴ A.VIEIRA, Sermão da Quinta Domingo..., in *Sermões*, vol. e ed. cit., 122.

²⁵ A.VIEIRA, Sermão da Quinta Domingo..., in *Sermões*, vol. e ed. cit., 129.

²⁶ A.VIEIRA, Sermão da Quinta Domingo..., in *Sermões*, vol. e ed. cit., 135.

²⁷ A.VIEIRA, Sermão da Quinta Domingo..., in *Sermões*, vol. e ed. cit., 141.

²⁸ A.VIEIRA, Sermão da Quinta Domingo..., in *Sermões*, vol. e ed. cit., 142.

²⁹ A.VIEIRA, Sermão da Quinta Domingo..., in *Sermões*, vol. e ed. cit., 142-143.

³⁰ Ver J. Lucio de AZEVEDO, *História de Antonio Vieira*, I, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1918, 98-194.

amargo, era uma espécie de ascética provação que a si próprio impunha, a fim de ser coerente com o imperativo religioso da sua vocação: o serviço de Deus na obra da propagação da fé entre o gentio e na do seu revigoramento junto dos colonos. A insistência no *crer a Deus e a Cristo*, caminho único de salvação traduzida em obras, ressalta da circunstância de só ela justificar a diferença entre a fé dos pagãos e a dos pecadores. Este confronto permite-lhe chamar a atenção para uma dolorosa verdade histórica: a da Europa protestante, outrora alfobre de grandes santos, agora encontra perdida por “inficionada” de heresia³¹. O juízo severo emitido era dialético e radical, em plena consonância com o da igreja católica romana pós-tridentina. Lutero e Calvino, mestres da Europa protestante, e os outros seus seguidores, enfatiza o orador, são a prova evidente a que conduz o não se crer a Cristo que acaba por levar a não se crer Nele, como fatal consequência:

«Impugnam e negam o Evangelho, porque não creram ao Evangelho. Deram-se soltamente aos vícios e pecados; e porque os não quiseram confessar, negaram o sacramento da confissão; largaram a rédea à torpeza e sensualidade; e porque não quiseram guardar a continência, negaram a castidade; entregaram-se às demasias e intemperanças da gula; e porque não quiseram ser sóbrios, negaram o jejum e a penitência; seguiram em tudo a largueza e liberdade da vida; e porque não quiseram obrar bem, negaram o valor e necessidade das boas obras. Enfim, deixada a lei de Deus como fiéis, e a da razão como homens, fizeram outra que eles chamam Religião, na qual só se crê o interesse, e se obedece o apetite. Vede que a fé se podia conservar entre costumes de brutos! Conservam o baptismo e nome de Cristãos; mas verdadeiramente são ateus: e porque não creram a Cristo, passaram a não crer em Cristo. Estas são as disposições por onde se introduziu, e se ateou em tantos reinos a peste da heresia»³².

Se, no momento, está imune do contágio, Portugal deve manter-se alerta, pois o perigo ameaça-o. A ruptura, porém, só será possível, dada a vigilância do Tribunal da Inquisição, se, começando-se por não crer a Cristo, se acabar por não crer em Deus. E, se o contrário se admitir, insiste categórico o P. António Vieira, dar-se-á aqui o inverso. Daí tornar-se necessário seguir o conselho de S. Paulo a

³¹ A. VIEIRA, Sermão da Quinta Dominga..., in *Sermões*, vol. e ed. cit., 145.

³² A. VIEIRA, Sermão da Quinta Dominga..., in *Sermões*, vol. e ed. cit., 146.

Timóteo, recomendando-lhe para não se fiar nas revelações, antes guiar-se pela fé, numa intencional condenação de uma crença pietista³³. No fundo, os que, sem renegarem Cristo com a boca, “renegam-no com as obras: não oferecem incenso aos ídolos, mas têm ídolos a quem sacrificam os corações: não professam publicamente o gentilismo, mas publicamente vivem como ateus”³⁴.

O temperamento do pregador evangélico, fogoso e cáustico, como era o de Vieira, há-de manifestar-se, no mesmo teor, em outro contundente sermão pronunciado em 1655, na Capela Real, de novo no domingo das verdades³⁵. A similitude dos cenários não lhe escapa: o descrito no evangelho do dia no púlpito do paço régio. E a alusão não era uma formal composição de lugar ao gosto da espiritualidade inaciana. Movia-o antes o desejo de sacudir o torpor dos ouvintes, prendendo-lhes a curiosidade e atenção com o anúncio da temática a desenvolver: se Cristo pregara um famoso acto de fé aos judeus, o mesmo fazia ele no momento presente aos católicos da corte e aos príncipes que o escutavam³⁶. No imaginário dos assistentes perpassaria, de pronto, o grandioso e terrífico espectáculo da fogueira inquisitorial que de ordinário se desenrolava no espaço contíguo, o rocío do Paço da Ribeira, frente ao deslumbrante estuário do Tejo³⁷.

O discurso tripartido explanará a interpelação do Evangelho: se credes na verdade porque não a obrais? Adverte, porém, que a gravidade da culpa é maior para os cristãos, pois se os judeus erram em não concordar a sua fé com a sua esperança, aqueles mantêm a desarmonia entre a vida e a fé, no que mostram maior cegueira³⁸. E, como lâmina afiada, a metáfora salta: na cristandade só havia lugar para duas prisões – as do Santo Ofício, onde se encarceram os hereges, e a casa de orates onde se internam os doidos, que assim deviam ser considerados os descrentes³⁹. Segundo a mentalidade do tempo, intolerante e hostil às minorias religiosas, bem como incompreensiva e insensível às perturbações psíquicas, aceita-se, por natural, o repúdio de ateus e libertinos e o encerramento dos loucos nos hospícios. O homem sem fé é cego e destituído de entendimento e, por isso, desmerece que assim o tratem e iguala-se aos irracionais⁴⁰. A experiência que acabara por passar

³³ A.VIEIRA, Sermão da Quinta Dominga..., in *Sermões*, vol. e ed. cit., 147.

³⁴ A.VIEIRA, Sermão da Quinta Dominga..., in *Sermões*, vol. e ed. cit., 150.

³⁵ A.VIEIRA, Sermão da Quinta Dominga..., in *Sermões*, vol. e ed. cit., 179-211.

³⁶ A.VIEIRA, Sermão da Quinta Dominga..., in *Sermões*, vol. e ed. cit., 180.

³⁷ Desde que, com a aclamação de D. João IV, reavera Portugal a sua independência política, já se haviam realizado no Terreiro do Paço cinco autos da fé. Ver José Lourenço D. de MENDONÇA / António Joaquim MOREIRA, *História dos Principais Actos e Procedimentos da Inquisição em Portugal*, Lisboa, 1980, 162-166.

³⁸ A.VIEIRA, Sermão da Quinta Dominga..., in *Sermões*, vol. e ed. cit., 180.

³⁹ A.VIEIRA, Sermão da Quinta Dominga..., in *Sermões*, vol. e ed. cit., 181.

⁴⁰ A.VIEIRA, Sermão da Quinta Dominga..., in *Sermões*, vol. e ed. cit., 182.

no regresso do Brasil, quando a nau em que vinha naufragou nos mares dos Açores, tendo sido os passageiros recolhidos por um navio de hereges holandeses, fornece-lhe um oportuno aproveitamento alegórico⁴¹. Durante a tempestade, conta Vieira, enquanto os religiosos oravam, faziam votos e exorcismos às ondas, lançavam relíquias ao mar e pronunciavam actos de contrição, os marinheiros comiam, bebiam e cantavam, os pássaros chilreavam⁴². No fundo, as aves agiam assim por não terem entendimento e os hereges fé; os outros nem entendimento nem fé. O mesmo sucede, nesta vida, na travessia da terra ao céu: o mar é o mundo, os navegantes os mortais, o navio o corpo. Em perigo tão grande, pergunte-se cada um quem é. A propósito explora o argumento da existência das seitas que já então preocupava os católicos, pois se interrogavam: se Deus é um só por que é que se dividem os homens em tantas seitas? Obcecado por um moralismo preconceituoso e acrítico, Vieira remete a sua origem para os vícios onde se semearam e desabrocharam⁴³. Nascidas da vontade dos homens, Epicuro que era delicioso, Mafona torpe, Lutero e Calvino relaxados da sua profissão e degradados em tudo, porque conscientes de que a vida devia concordar com a fé, não querendo fazer *vida nova*, criaram uma *fé nova*⁴⁴.

A denúncia do mau cristão leva-o, porém, a sublinhar como mais lógico o proceder do gentio, herege, pagão e judeu que assumem quatro espécies de infidelidade, seguindo estes com a vida aquilo que adoram e crêem com a fé, enquanto aquele perfilha o “ditame mais irracional e mais contrário a toda a razão” que é “crer uma coisa com a fé, e seguir outra com a vida”⁴⁵. E, num repto enfático, in-
vectiva com patético sarcasmo de laivos savonarolianos:

“Cristãos (os que não obramos o que devemos), a quem adoramos? A quem cremos? A quem seguimos? *Usquequo claudicatis in duas partes?* Será bem que tenhamos um pé em Roma adorando a Cristo, outro em Constantinopla guardando o Alcorão? Um em Roma beijando o pé a S. Pedro, outro em Jerusalém beijando a mão a Herodes? Um em Roma rezando a Santa Maria Maior, outro em Chipre oferecendo sacrifícios à deusa Vénus? Um em Roma visitando as sete igrejas, outro em Londres ou Amsterdão profanando os altares, e perdendo a reverência às imagens sagradas?

⁴¹ A.VIEIRA, Sermão da Quinta Dominga..., in *Sermões*, vol. e ed. cit., 182-184.

⁴² A.VIEIRA, Sermão da Quinta Dominga..., in *Sermões*, vol. e ed. cit., 182.

⁴³ A.VIEIRA, Sermão da Quinta Dominga..., in *Sermões*, vol. e ed. cit., 184.

⁴⁴ A.VIEIRA, Sermão da Quinta Dominga..., in *Sermões*, vol. e ed. cit., 185.

⁴⁵ A.VIEIRA, Sermão da Quinta Dominga..., in *Sermões*, vol. e ed. cit., 185.

Isto faz o Turco, o Judeu, o gentio, o herege, e cada um conforme a sua fé: e sendo a nossa tão contrária, será bem que em nós, cristãos e católicos, se ache o mesmo? Se não concordar a vida com a fé é um ditame tão bárbaro e tão irracional, que não cabe no entendimento de Lutero, que não cabe no entendimento de Epicuro, que não cabe no entendimento de Mafoma; como cabe no nosso entendimento? Pôr a bem-aventurança nas delícias como Epicuro, é ser gentio; passe: pôr a bem-aventurança nas torpezas como Mafoma, é ser Turco; seja: esperar a bem-aventurança sem obras, como Lutero e Calvino, é ser herege; vá na má hora. Mas ser cristão na fé, e a vida ser de Epicuro? Ser Cristão na fé, e a vida ser de Mafoma? Ser cristão e católico na fé, e a vida ser de Lutero e Calvino; em que entendimento pode caber tão rematada loucura? Há quem responda, há quem dê razão, há quem diga o *quare?*”⁴⁶.

A distinção teológica escolasticizante entre uma fé objectiva, em si, e subjectiva, em nós, a que chama crença, é aduzida por Vieira para demonstrar a verdade ontológica da primeira, face à insegurança da segunda por depender da sua consonância com a vida⁴⁷. Com efeito, o Símbolo dos Apóstolos e o Decálogo moisaico são duas escrituras divinas, fundamentos da obrigação e perfeição cristãs. Todavia, se não andarem juntos, ironiza o orador, jogando com a sinonímia, aquele não será símbolo de fé, mas fé no símbolo⁴⁸. A referência aos cativos dos piratas argelinos serve-lhe para explorar com trocadilhos a metáfora, denunciando o escandaloso paradoxo que, em seu viver quotidiano, os cristãos presumidos exibiam: «Por uma parte com a voz e com os pensamentos blasonando que navegam na barca de Pedro, por outra com ambos os braços remando nas galés de Mafoma»⁴⁹. E se é renegado o cristão que sob a ameaça de cimitarra turquesca, por violência e contra a vontade, adora uma estátua de mármore, que se poderá dizer – exclama o orador com acento grandiloquente a tirar partido das sinonímias e perífrases, a fim de verberar a sensualidade pecaminosa – «daqueles que não por força, senão muito por sua vontade, e por seu gosto, adoram a mesma Vénus, não em estátua de mármore, senão em outras que não são de pedra?»⁵⁰. A sua fé será, assim, pior do que a do Turco que não nega o que confessa, ao contrário do cristão, pois este não crê em Deus com fé falsa, como crê em Deus à falsa fé: crê “com fé

⁴⁶ A.VIEIRA, Sermão da Quinta Domingo..., in *Sermões*, vol. e ed. cit., 189-190.

⁴⁷ A.VIEIRA, Sermão da Quinta Domingo..., in *Sermões*, vol. e ed. cit., 194.

⁴⁸ A.VIEIRA, Sermão da Quinta Domingo..., in *Sermões*, vol. e ed. cit., 195.

⁴⁹ A.VIEIRA, Sermão da Quinta Domingo..., in *Sermões*, vol. e ed. cit., 196.

⁵⁰ A.VIEIRA, Sermão da Quinta Domingo..., in *Sermões*, vol. e ed. cit., 196.

mentirosa, com fé renegada, com fé traidora”. E ninguém se admire de que esta fé seja chamada pior que a do Turco⁵¹. A contínua passagem “da especulação à prática, da razão à experiência e do discurso aos olhos” era ensejo para mergulhar na crítica da vida social. Concretiza-se em observações de grande contundência onde a lembrança dos últimos fins do homem surge em contrapontos oportunos na linha da “pastoral do medo”, conforme a justa expressão de Jean Delumeau⁵², terminando com uma evocação afectiva do jovem príncipe D. Teodósio, herdeiro da coroa, falecido precocemente durante a sua recente estadia no Brasil – figura exemplar que subiu, afirma Vieira, “aonde o levava a vida que sempre concordou com a fé”⁵³.

O agostiniano Cristóvão de Foyos, em 1673, também na Capela Real, na regência de D. Pedro II que destituiu o irmão, Afonso VI, por incapacidade para governar, debruça-se, num sermão de escopo intelectualista, sobre a fé tibia dos cristãos, objecto de severo reparo e admoestação⁵⁴. Impõe-lhe a celebração do dia que não esconda as verdades, mas se preocupe em saber como dizê-las para vencer a obstinação dos que se não querem converter. O exórdio é um enunciado de intenções em que os modismos retóricos e as matérias políticas recebem firme condenação, pois apenas deseja anunciar as “verdades católicas” em ordem à salvação – única razão de ser dos “quatro palmos do púlpito”⁵⁵. E, porque quem procede mal não crê bem, o pregador, como ministro da igreja, procurará fazer-se eco das queixas do Cristo a propósito dos costumes que vê, das ofensas que se praticam, da fé perdida que se patenteia, sem vislumbre de arrependimento e emenda. Pensa, por isso, não se contradizer ao propor que o sermão seja o dos *porquê*s⁵⁶. Para si, afigura-se poderem ser três as causas por que são tímida a fé e numerosas as culpas: da parte de Deus, se não se verificar a assistência da graça suficiente para a salvação; da parte da vontade humana que entende o que quer e como quer e mostra não entender o que não quer; da parte do entendimento que não vê os perigos da vida, os enredos da consciência, as contingências da salvação e a infabilidade do castigo, pois se não teme a alma o que virá a perder, a culpa residirá em não termos sabido, ou não sabermos saber⁵⁷. As provas aduzidas para justificar as verdades enunciadas incluem a denúncia de males sociais, comuns e notórios no

⁵¹ A. VIEIRA, Sermão da Quinta Domingo..., in *Sermões*, vol. e ed. cit., 197.

⁵² Jean DELUMEAU, «L’attente de Dieu», in *La Peur en Occident (XIV-XVIII siècles) une cité assie-gée*, Paris, Fayard, 1978, 197-231.

⁵³ Jean DELUMEAU, «L’attente de Dieu», in *La Peur en Occident*, 210.

⁵⁴ C. FOYOS, «Sermam da Quinta Domingo da Quaresma...», ed. cit., 3-4

⁵⁵ C. FOYOS, «Sermam da Quinta Domingo da Quaresma...», ed. cit., 5.

⁵⁶ C. FOYOS, «Sermam da Quinta Domingo da Quaresma...», ed. cit., 4.

⁵⁷ C. FOYOS, «Sermam da Quinta Domingo da Quaresma...», ed. cit., 14.

tempo, com intuito de alertar a consciência e mover o ouvinte à conversão espiritual⁵⁸. A peroração assume na boca do pregador o teor de uma enfática confissão da verdade a interiorizar: não haverem faltado os auxílios da graça divina para uma vida honesta; seguir o pecador obstinado o descaminho da perdição; ter-se esgotado o limite da misericórdia de Deus para com tantas desordens⁵⁹.

Dentro da sequência tópica fé e vida, a função de consciência não é esquecida. Dá-lhe particular atenção o Padre Manuel da Silva que, em Santarém, na década de 1680 e por certo do púlpito da igreja do colégio dos jesuítas, profere um sermão de escopo moral, centrado sobre a matéria, a fim de demonstrar o valor de uma conduta irrepreensível, o que se insere perfeitamente no tema comum do dia: o manifesto da verdade⁶⁰. A distinção entre a boa e má consciência, que previamente faz, reflecte-se, segundo o pregador, numa vida inculpável ou pecaminosa de que os inimigos se aproveitam para odiar a verdade ou explorar a sua falta⁶¹. O recurso à alegoria dos signos do Zodíaco – cujas configurações dos planetas por padecerem de defeitos se denominam leão, serpente, cancros monstruosos, andando e escondendo-se durante a noite – é utilizado para contrapor a boa consciência, espelhada no sol, à má figurada nas trevas⁶². A boa consciência, porém, só o é no todo e não apenas em parte, como acontecia com o fariseu da parábola preocupado em pagar o dízimo e não ligando importância ao facto de retirar o crédito e honra ao semelhante⁶³. E, se Cícero e Séneca são autoridades invocadas para precisar o sentido de uma boa e má consciência, os ditames latinos e os aforismos populares, à maneira de conceitos predicáveis, permitem-lhe a caracterização e valorização da recta consciência que denomina “formidável fiscal” de cada um⁶⁴. Contudo, insiste o Padre Manuel da Silva, a boa consciência, própria dos que temem a Deus, está dependente do precário equilíbrio entre a fragilidade humana e a graça divina. Daí resulta dever sentir-se sempre em risco de pecar e cair no desamparo divino, situação metaforicamente ilustrada pela imagem do navegante que ora é levado no

⁵⁸ C. FOYOS, «*Sermam da Quinta Dominga da Quaresma...*», ed. cit., 15.

⁵⁹ C. FOYOS, «*Sermam da Quinta Dominga da Quaresma...*», ed. cit., 18.

⁶⁰ Manoel da SYLVA, «Sermão Segundo da Quinta Dominga da Quaresma em Santarém», in *Sylva Concionatoria*, t. IV, ed. cit., 248-270.

⁶¹ Manoel da SYLVA, «Sermão Segundo da Quinta Dominga da Quaresma em Santarém», in *Sylva Concionatoria*, t. IV, ed. cit., 249.

⁶² Manoel da SYLVA, «Sermão Segundo da Quinta Dominga da Quaresma em Santarém», in *Sylva Concionatoria*, t. IV, ed. cit., 251-252.

⁶³ Manoel da SYLVA, «Sermão Segundo da Quinta Dominga da Quaresma em Santarém», in *Sylva Concionatoria*, t. IV, ed. cit., 253.

⁶⁴ Manoel da SYLVA, «Sermão Segundo da Quinta Dominga da Quaresma em Santarém», in *Sylva Concionatoria*, t. IV, ed. cit., 255-256.

alto das ondas e quase toca o céu, como se vê precipitado no abismo mais profundo⁶⁵. A consciência depravada, por haver perdido a graça, nada já tem a perder, porque tudo perdeu. O trocadilho sublinha a prudência do justo e a loucura do pecador, indicando a opção oferecida⁶⁶.

Por sua vez, o sermão do carmelita Fr. Urbano de Santo António, no 5º Domingo quaresmal de 1690, no convento da sua ordem em Setúbal, pretende aproveitar com artificiosa agudeza, própria da retórica barroca, o diálogo evangélico da disputa de Cristo com os judeus, a fim de acentuar o contraste entre as razões de um e as sem razões dos outros⁶⁷. O exórdio esquematiza as posições: nos fariseus descobre-se a obra sem verdade, a palavra sem razão e o pensamento ativo; em Jesus brilha a obra com verdade, a palavra com razão e o pensamento divino. Possui a verdade, afirma o orador, uma tríplice qualidade: a da justiça, a da vida e a da razão⁶⁸. Se Adão perdeu, na ofensa à verdade, a melhor planta, ficou para os pregadores semeá-la no mundo. Por isso, cabe-lhes, à semelhança de Cristo, a missão de anunciar a verdade da justiça, da vida e da razão⁶⁹. Estabelecida a tripartição do discurso, desenvolve-o, passando da exposição doutrinária à denúncia do moralmente reprovável, ilustra com incidências sociais afins⁷⁰. No jogo lúdico das palavras, intencionais e rebuscadas, lá vai recordando, não obstante os truísmos, que aos homens pertence: obterem com justiça a verdade e também a verdade da justiça; reconhecerem que há verdade na vida quando, pela união de ambas, tratarem cada um de tocar no que respeita à sua vida para assim possuir a vida pela verdade e a verdade da vida de que Cristo no Evangelho fala; sentirem-se racionais não por dotados de razão, mas por terem a razão da verdade⁷¹.

Acaba por concluir que este deve ser o lema do católico. Com efeito, se vier a faltar, em sua conduta, a verdade da razão, da vida e da justiça, porque estas virtudes se encontram unidas no mesmo tronco, o homem baixa à condição de

⁶⁵ Manoel da SYLVA, «Sermão Segundo da Quinta Dominga da Quaresma em Santarém», in *Sylva Concionatoria*, t. IV, ed. cit., 268.

⁶⁶ Manoel da SYLVA, «Sermão Segundo da Quinta Dominga da Quaresma em Santarém», in *Sylva Concionatoria*, t. IV, ed. cit., 270.

⁶⁷ Urbano de SANTO ANTÓNIO, «Sermam da Quinta Dominga», in *Sermoens das cinco Domingas da Quaresma*, 69-83.

⁶⁸ Urbano de SANTO ANTÓNIO, «Sermam da Quinta Dominga», in *Sermoens das cinco Domingas da Quaresma*, 70.

⁶⁹ Urbano de SANTO ANTÓNIO, «Sermam da Quinta Dominga», in *Sermoens das cinco Domingas da Quaresma*, 71.

⁷⁰ Urbano de SANTO ANTÓNIO, «Sermam da Quinta Dominga», in *Sermoens das cinco Domingas da Quaresma*, 75-76.

⁷¹ Urbano de SANTO ANTÓNIO, «Sermam da Quinta Dominga», in *Sermoens das cinco Domingas da Quaresma*, 78.

bruto, e logo fica com o veneno da víbora, a ira da serpente, a maldade do áspide, as entranhas do urso, a impiedade do escorpião e a temeridade do lobo. E, desta forma, sem verdade deixa de haver a justiça para a paz firme; a concórdia cristã para a vida; a vida pura para a razão⁷².

Poder e política cortesã

A pregação na capela do Paço da Ribeira, a que a família real geralmente assistia, mas cujo auditório heterogéneo se encontrava bem provido de nobres em serviço na corte, conselheiros e magistrados ligados ao poder central e adstritos à administração corrente, fazia sentir ao orador que subia ao púlpito a quase obrigatoriedade de tocar na matéria política. Remeter-se apenas a recordar princípios gerais, vagos e consabidos, e a fazer observações inócuas, seria, no mínimo, defraudar a expectativa de uma assembleia curiosa e ávida das referências explícitas ou capciosas que a vida da corte, agitada por acontecimentos e deliberações controversas, notícias e boatos, juízos e correntes de opinião, críticas pertinentes ou infundamentadas à governação, sempre proporcionava. A consciência e a função do cargo pressionavam o pregador a pronunciar-se no âmbito da sua missão de ministro sagrado que o distinguia, mas que o humano e quotidianamente ocorrente não deveriam deixar indiferente. Instrumentado ou com o descomprometimento possível em assuntos, por vezes, de particular delicadeza, gravidade e melindre, o orador acaba por ter de se referir, circunstancialmente ou *ex professo*, a assuntos políticos e ao exercício da prática governativa em que se empenhava um soberano cristão numa monarquia onde a coerência religiosa importaria servir de exemplo aos colaboradores e súbditos.

Resulta óbvio que, no “dia das verdades”, as pregações na capela real acabassem por enveredar abertamente ou revestir-se de um carácter político assente em imperativos religiosos e éticos. O valor supremo em causa era a salvação eterna de rei e vassalos. Percebe-se, assim, a razão por que o sermão do agostinho Fr. Cristóvão de Almeida, na 5ª Dominga da Quaresma de 1649, se estruture dentro deste teor⁷³. Com base na períclope evangélica em que Cristo se vê arguido sem

⁷² Urbano de SANTO ANTÓNIO, «Sermam da Quinta Dominga», in *Sermoens das cinco Domingas da Quaresma*, 81-82.

⁷³ Cristóvão de ALMEIDA, *Sermão da Quinta Dominga da Quaresma [...] em a [...] Real Capella*, Lisboa, Domingos Lopes Rosa Impressor, 1650, numerado de A₃ a C₄ = [2+10+2+1] folhas. Da ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, D. Fr. Cristóvão de Almeida nasceu na Golegã em 1620 e professou no Convento da Graça em Évora. Formado em Teologia pela Universidade de Coimbra, interveio nas mais célebres controvérsias do seu tempo, como perito em matérias morais. Bispo titular de Martyria e auxiliar da Arquidiocese de Lisboa, foi um reputado orador sacro, tendo deixado publicados vários volumes de sermões. Faleceu nas Caldas da Rainha, a 26 de Outubro de 1679.

culpa pelos judeus, o orador, que assume falar na corte a grandes e príncipes, mostra-se sensível à fatalidade das queixas lançadas aos governantes e sublinha quanto é difícil dizer a verdade em tais momentos⁷⁴. O exórdio anuncia, pois, a via sentenciosa do discurso em que o rei e os súbditos, em especial os nobres, serão o alvo privilegiado. Advertindo constituir exceção haver quem suporte em silêncio a ofensa recebida – milagre que mesmo Deus só raramente faz –, anota que é um mal do homem, intrínseco à sua natureza, o queixar-se e mostrar-se descontente⁷⁵. Por isso, a onipotência divina poderá, sem dúvida, remediar, nunca porém contentar, porque, enquanto não mudar a natureza humana, será incapaz de eliminar o queixume⁷⁶.

Forçoso se torna, de facto, verificar que, por mais igualdades conseguidas e justiça praticada, os queixumes continuarão a existir, já que o homem não se lamenta por razão, mas por natureza⁷⁷. A hermeneuse ao episódio do paraplégico da piscina de Betsaida permite a Fr. Cristóvão de Almeida apontar a necessidade de haver sempre um intermediário, a fim de se obter a mercê desejada: “Ainda que seja um Anjo que reparta, se não houver um homem, não pode entrar na piscina”⁷⁸. Antes de pedir o milagre da cura, o paraplégico desabafa que a sua desgraça é *não ter homem*⁷⁹. Daí ser natural nos mortais queixarem-se não por aquilo que padecem, mas pelo que são. E, sarcástico na denúncia da ambição que na corte existia, acrescenta que os homens só ficariam contentes se lhes dessem segunda a cobiça e não conforme o merecimento e as necessidades⁸⁰. Ilustra o asserto com o exemplo bíblico do maná caído no deserto para alimento dos israelitas a quem Jahvé ordenou que recolhessem na medida da necessidade e não do desejo, por temer que mesmo sendo Ele a dar não fosse bastante, pois para fartar a cobiça de um homem não chega a onipotência de um Deus⁸¹. Logo, se um rei devesse escutar todas as queixas, recorda sentenciosamente, o ceptro se transformaria num martírio⁸². De resto, não há soberano, por mais justo que seja, que não tenha vassalos queixosos.

Espraia-se o pregador, na segunda parte do sermão, em demonstrar a dificuldade em dizer a verdade na corte⁸³. Com efeito, quando Cristo entende provar

⁷⁴ Cristóvão de ALMEIDA, *Sermão da Quinta Dominga da Quaresma*, fol. B.

⁷⁵ Cristóvão de ALMEIDA, *Sermão da Quinta Dominga da Quaresma*, fol. Bv.

⁷⁶ Cristóvão de ALMEIDA, *Sermão da Quinta Dominga da Quaresma*, fol. B₂.

⁷⁷ Cristóvão de ALMEIDA, *Sermão da Quinta Dominga da Quaresma*, fol. B₂v.

⁷⁸ Cristóvão de ALMEIDA, *Sermão da Quinta Dominga da Quaresma*, fol. B₂v.

⁷⁹ Cristóvão de ALMEIDA, *Sermão da Quinta Dominga da Quaresma*, fol. B₃.

⁸⁰ Cristóvão de ALMEIDA, *Sermão da Quinta Dominga da Quaresma*, fol. B₃.

⁸¹ Cristóvão de ALMEIDA, *Sermão da Quinta Dominga da Quaresma*, fol. B₃v.

⁸² Cristóvão de ALMEIDA, *Sermão da Quinta Dominga da Quaresma*, fol. B.

⁸³ Cristóvão de ALMEIDA, *Sermão da Quinta Dominga da Quaresma*, fol. C.

aos grandes da Judeia a sua divindade não invoca os milagres que faz, como o de ressuscitar mortos, mas as verdades que declara: “A reis, a grandes, a poderosos – enfatiza – é mais difícil dizer uma verdade que restituir uma vida”⁸⁴. Por isso, para persuadi-los, continua, não fiou Deus dos homens a dispensa destas maravilhas, antes as reservou para si ao prometer a Moisés e aos apóstolos que em tais circunstâncias por eles falaria⁸⁵. A atribuição filosófica da verdade, como objecto do entendimento humano, serve-lhe para o emprego de um cambiante, à maneira barroca, para acentuar que aos reis se dizem muitas verdades à vontade, e não inteiras, mas *partidas*, comentando ser esta a razão por que os reinos se perdem e as monarquias se acabam⁸⁶. E, irónico, adverte que das verdades que lisonjeiam têm os reis muitos evangelistas, enquanto das que custam é impossível encontrar-se um só que seja⁸⁷. O jogo antitético permite-lhe afirmar que, sobre as matérias que ofendem o gosto do príncipe, não há quem diga verdades, nem sequer acerte mentiras, quando lhe seria necessário saber estas para se acautelar e ouvir aquelas para se emendar. O príncipe, continua o pregador, é humano, comete faltas ao governar homens, No entanto, nem tudo que sobre ele se diz é só mentira ou inteira verdade. Caso assim fosse, ou o monarca seria um Deus ou os vassalos não seriam homens. Ora Deus é impecável por natureza e o homem diz mal por inclinação. E, porque os príncipes não são deuses, forçoso é que haja faltas, mentiras e verdades. A ilustração bíblica, invocada como exemplo, revela que à pergunta de Cristo respondessem os apóstolos que era tido por João Baptista, Elias ou um dos profetas. Omitiam assim que também o denominavam feiticeiro, samaritano, sacrílego, violador do sábado, por pensarem que lhe ofendiam o gosto⁸⁸. Enfático, logo Fr. Cristóvão de Almeida exclama reprovador: “Como estão cheias as cortes do mundo destes Evangelistas! Verdades, ou mentiras, que podem lisonjear ao Príncipe todos as dizem, mas mentiras, ou verdades, que o podem ofender, todos as calam”. Ironiza que, havendo tantos que os acusam de faltas, não há quem os queira advertir: “Humana, ou desumana política”, que leva o rei Saúl a pedir a Deus para lhe revelar a verdade, prossegue, dado não se fazer na terra tal milagre, pois se vê não contar o príncipe com “um só vassalo verdadeiro, tendo muitos vassalos fiéis”⁸⁹. Esta distinção serve-lhe para denunciar quanto são nocivos o silêncio e a manipulação da verdade. De facto, não se contentando em calá-la ao

⁸⁴ Cristóvão de ALMEIDA, *Sermão da Quinta Domingo da Quaresma*, fol. B₄v.

⁸⁵ Cristóvão de ALMEIDA, *Sermão da Quinta Domingo da Quaresma*, fol. B₄v.

⁸⁶ Cristóvão de ALMEIDA, *Sermão da Quinta Domingo da Quaresma*, fol. C.

⁸⁷ Cristóvão de ALMEIDA, *Sermão da Quinta Domingo da Quaresma*, fol. C.

⁸⁸ Cristóvão de ALMEIDA, *Sermão da Quinta Domingo da Quaresma*, fol. C e Cv.

⁸⁹ Cristóvão de ALMEIDA, *Sermão da Quinta Domingo da Quaresma*, fol. C₂.

soberano, lembra o pregador, adulteram-na: “o que se notou como falta, canoni-za-se como acerto. Quantos príncipes, por isso, se deixam viver enganados para não viverem sentidos! Azar este que anda ligado à grandeza: se não ceptros que não sigam a lisonja, nem soberania em que não domine o engano, muito mais que os enganados acabam por ser enganosos”⁹⁰. Cai a seguir, porém, Fr. Cristóvão de Almeida em aparente contradição, pois a verdade soaria a completo ludíbrio. Para si, a corte portuguesa é uma excepção por serem nela apreciadas as verdades que custam. A valia alcança-se dizendo-as, como para desmerecê-la basta encobri-las. Motivo por que, em Portugal, os evangelistas são os validos⁹¹. A asserção deverá, pois, entender-se como calculada estratégia para que o alvo visado pudesse ser atingido. A tecla afectiva, aliás constante na literatura coeva, é ferida, por quanto, a propósito, o pregador lembra que os monarcas lusos são antes pais do que reis, sendo, por isso, mais fácil dizer-lhes as verdades⁹². Repara, todavia, numa subtiliza do contexto da narrativa evangélica de um outro diálogo entre os judeus. Com efeito, tendo estes perguntado uma só coisa ao paralítico miraculado, ouviram, em resposta, duas – que Jesus lhe restituíra o andar e lhe ordenara para a infracção levar o leito. Cegos ao milagre da cura, adverte o orador, só tiveram olhos para a infracção ao preceito que, em sua opinião, só era culpa, por não quererem um taumaturgo, mas um culpado. E logo enfatiza o pregador: “Quantos olhos sem serem cegos não são olhos. Retirou-se Cristo para escapar ao apedrejamento, ocultando-se aos olhos dos inimigos”⁹³. O pretexto instiga-o a prosseguir o escopo sentencioso do discurso, ao excluir – “Que alto documento deu Cristo aos Príncipes do mundo nesta acção”, pois quando “está seguro então faz milagres para se segurar”⁹⁴. Com este novo inciso, pretendia Fr. Cristóvão de Almeida tirar uma última aplicação prática que se ajustasse à conjuntura histórica que Portugal vivia, empenhado numa luta dura e incerta com Espanha para consolidar a sua independência: o apelo à vigilância armada em que a nação se devia mostrar unida e cautelosa. Apesar da crença nos vaticínios feitos pelo Céu, na clássica referência ao mítico aparecimento de Cristo em Ourique, que abriam a Portugal o Império messiânico do mundo, a prudência política não podia esmorecer⁹⁵. E o exemplo bíblico de David e Golias, evocado em sentido tropológico, surge para ilustrar a situação da monarquia portuguesa que lhe dá ensejo a um comentário sentencioso, ao afirmar que “a desconfiança faz valente a maior fraqueza, a presunção faz fraca a

⁹⁰ Cristóvão de ALMEIDA, *Sermão da Quinta Domingo da Quaresma*, fol. C₂v.

⁹¹ Cristóvão de ALMEIDA, *Sermão da Quinta Domingo da Quaresma*, fol. C₂v.

⁹² Cristóvão de ALMEIDA, *Sermão da Quinta Domingo da Quaresma*, fol. C₂v.

⁹³ Cristóvão de ALMEIDA, *Sermão da Quinta Domingo da Quaresma*, fol. C₃v.

⁹⁴ Cristóvão de ALMEIDA, *Sermão da Quinta Domingo da Quaresma*, fol. C₄ e C₄v.

⁹⁵ Cristóvão de ALMEIDA, *Sermão da Quinta Domingo da Quaresma*, fol. D_{n.n.}

maior valentia”, acrescentando: «Oh! parto abominável de uma confiança néscia? quantas monarquias tens arruinado, quantos exércitos tens destruído!»⁹⁶. Por isso, recomenda: “Não nos havemos de descuidar logo, por nos imaginarmos seguros, antes quando nos virmos mais seguros, então havemos de andar mais cuidadosos; havemos de temer as seguranças, ainda mais que os perigos”. Insistirá, por fim, com expressões pleonásticas, onde perpassa a sombra traumatizante do domínio filipino, “porque, se a todos os reinos do mundo é muito importante este aviso, ao nosso Portugal o é mais; segura está a Monarquia Portuguesa de passar outra vez a domínio estranho, porque além de o dizerem assim as Profecias, nisso tem Deus empenhada sua divina palavra, e o patrocínio da sua mão poderosa; porém, é necessário advertir que o estarmos tão seguros nos não há-de fazer descuidados antes então, quando nos virmos seguros, como fez Cristo, havemos de fazer milagres para segurar a nossa segurança, havemos de obrar prodígios para eternizar a nossa conservação”⁹⁷. A garantia política reside no monarca, cujo exercício do poder elogia e alenta: “Assim se faz, e assim espero eu em Deus que se há-de fazer cada dia com maior cuidado, quando na experiência de tantos arbítrios virem os que vêm, e julgam de fora, que temos Rei, que sabe ouvir as verdades, que sabe escolher com tanta prudência, e que sabe obrar com acerto”⁹⁸.

O sermão acabará por ser, desta maneira, um denso mosaico de ditames políticos, de críticas e avisos intencionais que, ouvidos, trariam, como no fecho da peroração se prometia, a graça divina da conversão do reino, a prosperidade das armas e a restituição das conquistas, ou seja, das parcelas do império ultramarino ocupadas por holandeses. De resto, referências do mesmo teor se encontram semeadas igualmente nas restantes pregações, se bem que de forma avulsa e ocasional, embora de paralelo alcance.

Crítica de condutas sociais

A vida colectiva ocupava, porém, um lugar marcante e elucidativo nesta sermonária do 5º Domingo da Quaresma. A quadra litúrgica de cariz penitencial, por adrede a semelhantes referências em ordem ao arrependimento e à conversão, era pretexto para um desnudar crítico de vícios e males congénitos, enquistados no quotidiano, em que a virtude da justiça se nos afigura ser a mais molestada. Nos escritos políticos e moralistas do tempo, o bem comum ocupava uma atenção significativa⁹⁹. Daí as violações de direitos, a corrupção administrativa e judicial, a

⁹⁶ Cristovão de ALMEIDA, *Sermão da Quinta Domingo da Quaresma*, fol. C₄v.

⁹⁷ Cristovão de ALMEIDA, *Sermão da Quinta Domingo da Quaresma*, fol. C₄v.

⁹⁸ Cristovão de ALMEIDA, *Sermão da Quinta Domingo da Quaresma*, fol. D_{n.n.}

⁹⁹ Ver, supra, nota 15.

opressão dos mais fracos, o clientelismo na distribuição das mercês serem matéria de tratamento obrigatório. A coberto da liberdade que o púlpito proporcionava ao ministro sagrado, fortes e negras pinceladas, aqui e além com exagero calculado, ilustravam exemplarmente o sermão desse domingo. Por vezes até a construção temática do discurso era toda assente num problema ocorrente que dominava a atenção do auditório. A denominação do dia justificava e até exigia este estendal de “verdades” que importava lembrar para serem escutadas. Chegava a ser uma litania, não raro confrangedora e sempre provocatória, de desvios e culpas, abusos e escândalos que esmaltavam a comunidade de forma a constituírem mais um documento da realidade, achega valiosa para a história social e das mentalidades.

Assim, o Padre António Vieira, ao pregar na Sé de Lisboa em 1651, alude criticamente à ambição política dominante que levava a pôr todo o cuidado, toda a indústria e todas as artes: “em subir, em crescer, em se fazer grandes”, não importando se à custa de “grandes e pequenos”; ao emprego indevido dos bens eclesiásticos, que “são de Deus”, aplicados e consumidos em usos profanos; ao empréstimo de dinheiro a juro de cinco por cento e, ilegalmente, a seis e quarto, com escritura feita em paço de tabeliães¹⁰⁰. Ao sair do reino em 1652, rumo ao Brasil, para se dedicar no Maranhão, à evangelização Vieira ia animado de generosos propósitos¹⁰¹. A cidade de S. Luís, onde desembarcou a 16 de Janeiro de 1653, era, na altura, um pequeno núcleo urbano, de seiscentas famílias – fixadas nas zonas ribeirinhas, do Coty e Bacanga, «na península situada à parte ocidental da ilha, onde os franceses, primeiros povoadores se tinham estabelecido»¹⁰² –, considerado um tremedal de vícios e torpezas, que logo excitou o seu espírito polémico de combativo nato. Os doze anos passados na corte de Lisboa vivera-os em agitação contínua: missões diplomáticas na Europa, conflitos bélicos com castelhanos e holandeses, rivalidades palacianas e diferendos com inimigos da Companhia de Jesus e mesmo confrades¹⁰³. Por sua vez, o teatro da sua actuação missionária era imenso e árduo. Escrevia ao monarca a 4 de Abril, no ano imediato: «O Maranhão e o Pará é uma Rochella de Portugal, e uma conquista por conquistar», uma terra onde o rei é nomeado, mas não obedecido¹⁰⁴. Quatro povoadores de índios se tinham implantado

¹⁰⁰ António VIEIRA, «Sermão da Quinta Domingo da Quaresma (Pregado na Catedral de Lisboa, no ano de 1651)», in *Sermões*, vol. e ed. cit., 133.

¹⁰¹ J. Lúcio de AZEVEDO, *Historia de António Vieira*, I, 159-208. Para o Autor, fora o problema da divisão territorial da Companhia de Jesus em duas províncias, cistagana e transtagana, que, quase lhe havia custado a expulsão da ordem, «o que definitivamente lhe decidiu o destino», levando-o a deixar a corte em troca dos sertões amazónicos. J. Lúcio de AZEVEDO, *Historia de António Vieira*, I, 196.

¹⁰² J. Lúcio de AZEVEDO, *Historia de António Vieira*, I, 213.

¹⁰³ J. Lúcio de AZEVEDO, *Historia de António Vieira*, I, 255.

¹⁰⁴ J. Lúcio de AZEVEDO, *Historia de António Vieira*, I, 229.

na ilha de Maranhão, tempos atrás¹⁰⁵. Baptizados embora, da religião ficaram-lhes apenas noções esfarrapadas e ritos vagos. Socialmente eram vítimas de servidões abusivas, impostas pelos colonos. Ao chegar, logo Vieira se esforçara para que os índios ficassem, como na Baía, sob a protecção dos jesuítas¹⁰⁶. Porém, a cobiça dos portugueses, com a conivência das autoridades, esmagava desapiadadamente os índios, forçados a trabalhar nas “lavouras dos brancos”, que os dizimavam, ou aprisionados nas “entradas” para sustentar essa mão-de-obra, em contínuo desgaste. Abrira-se assim um conflito entre os padres inacianos, a população branca e mestiça e os governantes locais¹⁰⁷. Eis o contexto circunstancial motivador desse sermão do 5º Domingo da Quaresma de 1654, pregado na Matriz da cidade, a 22 de Março, dia das verdades, sustentando que naquela terra “tinha sua corte a mentira”¹⁰⁸. O tema é um desafio e uma violenta acusação ao auditório: «a verdade que vos digo é que no Maranhão não há verdade»¹⁰⁹. Apostado, de início, em denunciar a gravidade deste vício, detestável e detestado, o pregador serve-se de uma fábula alemã segundo o qual o diabo caído do céu, ao desfazer-se em pedaços, viu-os espalhados por diversas províncias da Europa, transmitindo-lhes os vícios que nelas reinam. Se à França couberam os pés daqui nascendo «serem [os habitantes] poucos sossegados, apressados no andar, e amigos de bailes», a Espanha recebeu a cabeça, pois os naturais são «fumosos, altivos, e com arrogâncias graves»; porém, a língua, como parte dela, tocou a Portugal, no comum entender dos estrangeiros¹¹⁰. E, assim sendo, se as letras do abecedário de Drexélio, que reúne todos os vícios da língua, se repartissem pelos estados lusos, a letra atribuída ao Maranhão seria, sem dúvida, o M. que aglutinaria: o M. de murmurar, motejar, maldizer, malsinar, mexericar, e, sobretudo, «mentir com as palavras, mentir com as obras, mentir com os pensamentos, que de todos e por todos os modos aqui se mente»¹¹¹. Novelas e novelos, explora a homofonia, são as duas moedas correntes na terra; só com uma diferença: «as novelas armam-se sobre nada, e os novelos sobre muito,

¹⁰⁵ J. Lúcio de AZEVEDO, *Historia de António Vieira*, I, 229.

¹⁰⁶ J. Lúcio de AZEVEDO, *Historia de António Vieira*, I, 229.

¹⁰⁷ J. Lúcio de AZEVEDO, *Historia de António Vieira*, I, 213-229.

¹⁰⁸ António VIEIRA, «Sermão da Quinta Dominga da Quaresma (Pregado na Igreja maior da Cidade de S. Luís do Maranhão no Ano de 1654), in *Sermões*, vol. e ed. cit., 154.

¹⁰⁹ António VIEIRA, «Sermão da Quinta Dominga da Quaresma (Pregado na Igreja maior da Cidade de S. Luís do Maranhão no Ano de 1654), in *Sermões*, vol. e ed. cit., 155.

¹¹⁰ António VIEIRA, «Sermão da Quinta Dominga da Quaresma (Pregado na Igreja maior da Cidade de S. Luís do Maranhão no Ano de 1654), in *Sermões*, vol. e ed. cit., 156.

¹¹¹ António VIEIRA, «Sermão da Quinta Dominga da Quaresma (Pregado na Igreja maior da Cidade de S. Luís do Maranhão no Ano de 1654), in *Sermões*, vol. e ed. cit., 156-157.

para tudo ser moeda falsa»¹¹². O meio ambiente inspira-lhe então uma curiosa metáfora, para original e inesgotável exploração: os homens reflectem os humores do clima, pois, no Maranhão passa o dia numa constante mudança¹¹³. E, a propósito, nem Roma, cidade onde estivera há poucos anos, escapa a um remoque satírico ao referir que lá se observa o mesmo fenómeno, se bem que por outras razões: ali, «porque como a terra tem jurisdição sobre o céu, segue o céu as influências da terra»¹¹⁴. Da mesma maneira sucede no Maranhão em que o sol, “por onde se medem os tempos, os lugares, as alturas”, porque aqui se mente, todos acabam por se desorientarem, acontecendo aos moradores o mesmo que aos pilotos, quando demandam a barra, porquanto nenhum tem consciência em que altura está: «Cuida o homem nobre hoje, que está em altura de honrado, e amanhã acha-se murmurada pelas praças. Cuida a donzela recolhida, que está em altura virtuosa, e amanhã acha-se com reputação de mau homem». Enfim, justifica o orador, «porque os lábios são como o astrolábio»¹¹⁵.

A metáfora do clima é utilizada ainda para traçar com crueza, pela osmose clima-vício, o panorama moral de uma sociedade colonial dos trópicos brasílicos. Se o clima influi na ociosidade, está encontrada, segundo Vieira, a fonte da mentira que «nasce, cresce, espiga», a ponto «de um não sei quê, tamanho como um grão de trigo», poder «colher mentiras aos alqueires». E, ousadamente, ante um auditório atônito, afirma cáustico:

«Estes são os dous vícios do Maranhão, estas as duas influências deste clima – ócio e mentira. O ócio é a primeira influência, a mentira a segunda; o ócio a causa, a mentira o efeito. Não há terra no mundo que mais incline ao ócio, ou à preguiça, como vós dizeis; e esta é a semente de que nasce tão má erva»¹¹⁶.

¹¹² António VIEIRA, «Sermão da Quinta Dominga da Quaresma (Pregado na Igreja maior da Cidade de S. Luís do Maranhão no Ano de 1654), in *Sermões*, vol. e ed. cit., A moeda corrente da terra eram novelos de fio de algodão.

¹¹³ António VIEIRA, «Sermão da Quinta Dominga da Quaresma (Pregado na Igreja maior da Cidade de S. Luís do Maranhão no Ano de 1654), in *Sermões*, vol. e ed. cit., 157.

¹¹⁴ António VIEIRA, «Sermão da Quinta Dominga da Quaresma (Pregado na Igreja maior da Cidade de S. Luís do Maranhão no Ano de 1654), in *Sermões*, vol. e ed. cit., 158.

¹¹⁵ António VIEIRA, «Sermão da Quinta Dominga da Quaresma (Pregado na Igreja maior da Cidade de S. Luís do Maranhão no Ano de 1654), in *Sermões*, vol. e ed. cit., 159.

¹¹⁶ António VIEIRA, «Sermão da Quinta Dominga da Quaresma (Pregado na Igreja maior da Cidade de S. Luís do Maranhão no Ano de 1654), in *Sermões*, vol. e ed. cit., 159.

A referência à ilha de Creta – ao tempo conhecida por Cândia e que o turco otomano ia conquistando¹¹⁷, cujos habitantes S. Paulo aponta serem dominados pelos mesmos vícios – permite-lhe enfatizar a acusação:

«Pudera dizer mais, se falava da nossa ilha, e de toda esta terra? Digam-no os naturais. Nem a sua negligência, nem a sua verdade o pode enganar. Não há gente mais mentirosa, nem mais preguiçosa do mundo. Deitados na sua rede: *Ventres pigri*; ouvidos nas suas palavras: *semper mendaces*. Mas como estas virtudes vêm do céu, como são influências do clima, pegaram-se também aos portugueses. Falta a verdade porque sobeja a ociosidade»¹¹⁸.

A clivagem povo e elites merece a Vieira remoque acerado, a partir do referente “escribas” que mentiam sobre Cristo enquanto o povo dizia a verdade. A razão era por serem os primeiros gente abastada e ociosa, o contrário destes. Basta reparar-lhes, observa, nas mãos cheias de calos. Eis a diferença: «quem trabalha, trata da sua vida; quem está ocioso, trata das alheias. Quem trabalha como cuida no que faz, fala verdade, porque diz as coisas como são. O ocioso, como não tem que fazer, mente; porque diz o que imagina». Por isso, se são mencionadas «tantas cousas mal feitas», foi «porque se imaginaram; e tanto que vieram à imaginação, já estão na prancha da língua»¹¹⁹. E este discorrer dialético salta da mentira ao juízo temerário, caminho para o falso testemunho: «ouve-se dizer uma coisa e apercebe-se outra»; pensa-se falar verdade, mas os homens, «quando ouvem com os corações», deixam, entre a boca do outro e os próprios ouvidos, ficar «a honra alheia pendurada por um fio» e talvez mesmo «enforcada»¹²⁰. De resto, porque se vive «em uma terra muito ociosa, e por isso sujeita a imaginações», resulta não se dizer o que se ouve, mas o que se imagina e sonha, ou o que ninguém imaginou, nem sonhou, acontecendo dizerem-se «as palavras sinceramente com uma atenção

¹¹⁷ Cidade principal e porto da ilha de Creta, designada também por Cândia, foi fundada pelos árabes no século IX (823), sendo ocupada por Bizâncio em 961 e pelas hostes da Quarta Cruzada em 1204. Veio depois a ser vendida a Veneza que a dotou de fortes muralhas defensivas e transformou num importante entreposto comercial. Durante séculos poderoso baluarte cristão no Mediterrâneo, caiu nas mãos dos Turcos em 1669, após heróica resistência a três anos de assédio.

¹¹⁸ António VIEIRA, «Sermão da Quinta Dominga da Quaresma (Pregado na Igreja maior da Cidade de S. Luís do Maranhão no Ano de 1654), in *Sermões*, vol. e ed. cit., 159-160.

¹¹⁹ António VIEIRA, «Sermão da Quinta Dominga da Quaresma (Pregado na Igreja maior da Cidade de S. Luís do Maranhão no Ano de 1654), in *Sermões*, vol. e ed. cit., 161.

¹²⁰ António VIEIRA, «Sermão da Quinta Dominga da Quaresma (Pregado na Igreja maior da Cidade de S. Luís do Maranhão no Ano de 1654), in *Sermões*, vol. e ed. cit., 165.

muito sã» e se interpretam e corrompem de maneira tal que de um louvor faz-se «um agravo, de uma confiança uma injúria, de um galanteio uma blasfêmia, e de uma graça» se levanta «uma tamanha labareda, que se originaram dela muitas desgraças»¹²¹. Pelo que, conclui, se pode reduzir, assim, «todo o discurso ou discursos: mentem as línguas, porque mentem os ouvidos; mentem as línguas, porque mentem os olhos; e mentem as línguas, porque tudo mente, e todos mentem»¹²². A culpa, porém, ninguém a quer assumir. Descobre-se o pecado, sem que apareçam os pecadores. Impõe-se, no entanto, aborrecer a mentira por proveito e consciência. Justifica-o Vieira na peroração e serve-se do quadro que localmente lhe é oferecido:

«Por conveniência, porque viveis em uma terra muito pequena. Em toda a parte fazem muito mal as mentiras; mas nas terras grandes têm saca e têm muito por onde se espalhar; nas terras pequenas, todas ali ficam. Em Lisboa muita mentira se diz; mas repartem-se as mentiras por todo o Reino e por todo o Mundo. Chegou navio de Levante, fala-se das guerras do Turco, nas do Veneziano, nas do Tártaro, nas do Polaco; fala-se no papa, nos cardeais, nos outros príncipes e potentados de Itália: dizem-se muitas mentiras, mas repartem-se; umas caem em Constantinopla, outras em Veneza, outras em Roma, outras na Toscana, Sabóia, etc. Vem navio do Norte, fala-se em el-rei de França, no imperador, no Sueco, no parlamento de Inglaterra, nos estados de Holanda e Flandres; dizem-se muitas mentiras, mas repartem-se, por Paris, por Londres, por Viena de Áustria, por Amsterdão, por Estocolmo; etc. Partem também os nossos correios todos os sábados, e levam grande cópia das mentiras por todo o Reino; e o mesmo é das frotas do Brasil e da Índia; porém as mentiras do Maranhão não têm, nem outra parte donde vir, nem outra parte para onde ir: aqui nascem, aqui ficam: e quando as mentiras todas ficam na terra, e todas vos caem em casa, ainda por conveniência e razão de Estado as haveis de lançar fora. E senão, fazei-me por curiosidade duas contas, as quais eu agora não posso fazer. Uma é, quantas mentiras se dirão em cada dia no

¹²¹ António VIEIRA, «Sermão da Quinta Dominga da Quaresma (Pregado na Igreja maior da Cidade de S. Luís do Maranhão no Ano de 1654), in *Sermões*, vol. e ed. cit., 170.

¹²² António VIEIRA, «Sermão da Quinta Dominga da Quaresma (Pregado na Igreja maior da Cidade de S. Luís do Maranhão no Ano de 1654), in *Sermões*, vol. e ed. cit., 173.

Maranhão? A outra, quantas casas há nesta cidade: e logo reparti as mentiras, e vereis quantas cabem a cada casa! E que será em uma semana, que será em um mês, que será em um ano?»¹²³

Meses depois, a 13 de Junho, no mesmo púlpito, o orador não poupará os colonos, de prática religiosa tão afastada das exigências da fé, verberando-os com redobrada violência através do alegorismo do seu famoso sermão de Santo António aos peixes¹²⁴.

Na vinda à metrópole, entretanto ocorrida, a fim de solicitar pessoalmente a D. João IV as providências que o estado do Maranhão política, religiosa e socialmente requeria, o Padre António Vieira prega na Capela Real, no domingo 5º da Quaresma de 1655, acomodando a matéria ao «lugar e aos ouvintes»¹²⁵. Merece-lhe, porém, particular atenção delatar uma nobreza gastadora e viciosa que pululava na corte com a maior impunidade, bem como a forma perdulária como o braço eclesiástico aplicava os rendimentos na conservação e construção de novos edifícios¹²⁶. Para o orador, o mal é comum no que toca aos nobres: desperdiça-se, entesoura-se, não se pagam dívidas, recebem-se peitas, nega-se esmola, furta-se o alheio e não se restitui o roubado. O mais escandaloso, ironiza, é que tudo isto se passa em casas grandes e dos grandes, pois dos pequenos ninguém faz caso e nem sequer têm o nome de casas. Ergue-se, então, como um acusador inexorável que, mesmo tapando os ouvidos ao que se diz, tem muito ainda para falar do «que se vê com os olhos e se aponta com o dedo»¹²⁷. O alvo preferido é o palácio do fidalgo cortesão que ostenta o título e se declara católico, mas cuja conduta é contrária à fé¹²⁸. A fachada social arranca-lhe pinceladas de um verismo impressionante, a fim de agitar a indignação e acordar a consciência moral. A descrição não passaria ao lado da realidade. De facto, não seriam escassos os palácios que no burgo e seu

¹²³ António VIEIRA, «Sermão da Quinta Dominga da Quaresma (Pregado na Igreja maior da Cidade de S. Luís do Maranhão no Ano de 1654), in *Sermões*, vol. e ed. cit., 176-177.

¹²⁴ Ver as sugestivas «Linhas de Leitura» propostas para este sermão em Margarida Vieira MENDES, *Sermões do Padre António Vieira*, citado em 3, 84-90. Para Lúcio de AZEVEDO (*Historia de António Vieira*, I, 253), este veemente e extraordinário sermão é uma «violenta sátira, ao pé da qual a anterior, do domingo das verdades, não passava de um chiste anódino».

¹²⁵ António VIEIRA, «Sermão da Quinta Dominga da Quaresma (Pregado em Lisboa, no ano de 1655)», in *Sermões*, vol. e edição citados, 179-211.

¹²⁶ António VIEIRA, «Sermão da Quinta Dominga da Quaresma (Pregado em Lisboa, no ano de 1655)», in *Sermões*, vol. e edição citados, 203-205.

¹²⁷ António VIEIRA, «Sermão da Quinta Dominga da Quaresma (Pregado em Lisboa, no ano de 1655)», in *Sermões*, vol. e edição citados, 203.

¹²⁸ António VIEIRA, «Sermão da Quinta Dominga da Quaresma (Pregado em Lisboa, no ano de 1655)», in *Sermões*, vol. e edição citados, 202-203.

termo – espaço a que se chamava a corte – corresponderiam ao modelo. Percorremos com um olhar crítico impiedoso, desventrando-lhe a podridão. Repare-se no que a vista enxergaria e a mente imaginava:

«O escudo desta portada em um quartel tem as quinas, em outro as lises, em outro águias, leões e castelos; sem dúvida este deve ser o palácio em que mora a fé cristã, católica e cristianíssima. Entremos e vamos examinando o que virmos, parte por parte. Primeiro que tudo vejo cavalos, liteiras e coches: vejo criados de diversas calibres, uns com libré, outros sem ela: vejo galas, vejo jóias, vejo baixelas: as paredes vejo-as cobertas de ricos tapizes: das janelas vejo ao perto jardins, e ao longe quintas; enfim, vejo todo o palácio e também o oratório; mas não vejo a fé. E porque não aparece a fé nesta casa? Eu o direi ao dono dela. Se os vossos cavalos comem à custa do lavrador, e os freios que mastigam, as ferraduras que pisam, e as rodas e o coche que arrastam são dos pobres oficiais, que andam arrastados sem poder cobrar um real; como se há-se ver a fé na vossa cavalaria? Se o que vestem os lacaios e os pagens, e os socorros do outro exército doméstico masculino e feminino depende das mesadas do mercador que vos assiste, e no princípio do ano lhe pagais com esperanças e no fim com desesperações, a risco de quebrar; como se há-se ver a fé na vossa família? Se as galas, as jóias, e as baixelas, ou no Reino, ou fora dele foram adquiridas com tanta injustiça e crueldade, que o ouro e a prata derretidos, e as sedas se se espremeram, haviam de verter sangue; como se há-de ver a fé nessa falsa riqueza? Se as vossas paredes estão vestidas de preciosas tapeçarias, e os miseráveis a quem despistes para as vestir a elas, estão nus e morrendo de frio; como se há-se ver a fé, nem pintada nas vossas paredes? Se a Primavera está rindo nos jardins e nas quintas, e as fontes estão nos olhos da triste viúva e orfãos, a quem nem por obrigação, nem por esmola satisfazeis, ou agradeceis o que seus pais vos serviram; como se há-de ver a fé nessas flores e alamedas? Se as pedras da mesma casa em que viveis, desde os telhados até os alicerces estão chovendo os suores dos jornaleiros, a quem não fazíeis féria e, se queriam ir buscar a vida a outra parte, os prendíeis e obrigáveis por força; como se há-de ver a fé, nem sombra dela na vossa casa?»¹²⁹.

¹²⁹ António VIEIRA, «Sermão da Quinta Dominga da Quaresma (Pregado em Lisboa, no ano de 1655)», in *Sermões*, vol. e edição citados, 203-204.

Isto o que se observaria com os olhos. Mas se a boca, fechada pelo sigilo, ousasse falar do que os ouvidos escutaram na confissão – sobretudo quando o penitente era instado pelo *quare* do texto evangélico a declarar o motivo por que não procedia à reparação dos danos causados – Vieira, verberando o jogo, apressa-se a dizer:

«(...) a resposta e a teologia que trazeis muito estudada, é que sem embargo das dívidas, deveis sustentar a vossa casa com a decência que pede o vosso estado, e que as vendas não dão para tanto. Bem. E os pais de quem herdastes esse mesmo estado, e eram tão honrados como vós, não sustentavam a honra e a decência dele com menos pompa, com menos criados, com menos librés, com menos galas, com menos regalos? Mais. E o que gastais por outra via, não com a decência, senão com as indecências da casa, e da pessoa? *Quare*? Que respondeis a isto? A maior galanteria é, que ao outro dia depois da confissão e desta escusa, ouve o mesmo confessor sem sigilo, que aquela noite perdeste dous mil cruzados, e que pela manhã os mandastes em dobrões a quem os ganhou; porque é contra a pontualidade da fidalguia não pagar logo o dinheiro do jogo. Assim jogais com os homens, e assim com Deus: e esta é a vossa fé»¹³⁰.

Situação também desidificante ofereciam as igrejas e conventos que na corte se erguiam. Administrava-nos, como superiores, eclesiásticos ligados á nobreza, filhos segundos ou bastardos, parentes de casas e de aristocratas poderosos, movidos pela emulação e rivalidades entre as ordens religiosas e irmandades pias, detentoras de avultados capitais, provenientes de esmolas, heranças, dotes e doações¹³¹. Gastava-se, com frequência, sem medida e critério, a pretexto do culto divino ou da renovação do património monástico e eclesial. Vieira denuncia-o sem reboço, em termos enfáticos de desaprovação e contundência crítica:

«Dir-me-á, porém, em contrário a nossa corte, que se em algumas casas particulares está a fé tão morta, e tão corrupta, que

¹³⁰ António VIEIRA, «Sermão da Quinta Domingo da Quaresma (Pregado em Lisboa, no ano de 1655)», in *Sermões*, vol. e edição citados, 205.

¹³¹ Ver João Francisco MARQUES, «Lisboa religiosa na segunda metade do século XVII», in *Bento Coelho e a Cultura do seu Tempo*, catálogo org. por Luís Moura Sobral, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico, 1998, 139-169.

nas casas de Deus está mais viva e mais inteira que em nenhuma parte do mundo. Assim se vê e demonstra em todos os templos de Lisboa, a qual muito à boca cheia pode dizer ao mesmo mundo: *Ego ostendam tibi ex operibus fidem meam*. Eu tenho visto a maior parte da cristandade da Europa, e em nenhuma, entrando também nesta conta a mesma Roma, está o culto divino exterior tão subido de ponto, e cada dia mais. Seria lástima grande ver aqui desfazer e arruinar nos mesmos templos as fábricas antigas de tanta formosura e preço, se depois se não vissem as mesmas ruínas gloriosamente ressuscitadas com tanto maiores riquezas da matéria, e tanto maiores primores da arte. Em nenhuma parte do mundo é tanta a cobiça de adquirir, como em Lisboa a ambição de gastar por Deus. Que igreja há nesta multidão, de tantas, em um dia de festa, que se não pareça com a que viu descer do Céu S. João: *Tanquam sponsam ornatam viro suo?* O ouro e os brocados, de que se vestem as paredes, são objecto vulgar da vista: a harmonia dos coros, suspensão e elevação dos ouvidos: o âmbar e almíscar, e as outras espécies aromáticas que vaporam nas çouças, até pelas ruas rescendem muito ao longe, e convocam pelo olfacto o concurso. É isto Terra, ou Céu? Céu é, mas com muita mistura de Terra, porque no meio desse culto celestial, exterior e sensível, o desfazem e contradizem também sensivelmente, não só as muitas ofensas que fora dos templos se cometem, mas as públicas irreverências com que dentro neles se perde o respeito à fé, e ao mesmo Deus. Queres que te diga, Lisboa minha, sem lisonja, uma verdade muito sincera, e que te descubra um engano, de que tua piedade muito se gloria? Esta tua fé tão liberal, tão rica, tão enfeitada e tão cheirosa, não é fé viva: pois que é? É fé morta, mas embalsamada»¹³².

Idêntica acusação fará, três décadas volvidas, seu confrade Manuel da Silva, no púlpito lisboeta de S. Roque, a casa professa dos jesuítas, escalpelizando esta mesma ostentação sumptuária, assente em injustiças e dívidas que ameaçam eternizar-se na indissolubilidade:

¹³² António VIEIRA, «Sermão da Quinta Dominga da Quaresma (Pregado em Lisboa, no ano de 1655)», in *Sermões*, vol. e edição citados, 204-205.

«E se a verdade se fizesse mais ao alto, & lançasse hum rayo de luz por aquelles mais sũptuosos edificios, que vay levantando a vaidade dos nossos tempos; que suores alheyos taõ mal satisfeitos se descobririam? Que jornaes de operarios, & officiaes taõ mal pagos? Que despezas, que dividas, que empenhos feitos na fabrica, & deixados de pays a filhos sem descarga nem satisfação algũa? Pois não entre cá em nossos palacios a luz da verdade, que em obras tam perfeitas descobre tantos defeitos: *Exi a me veritas*»¹³³.

Ao contágio, também não escapava o corpo eclesiástico, arrastado por aquela onda perdulária de fausto. Não fugiria à verdade, ousa o pregador conjecturar, se afirmasse encontrarem-se desses culpados no auditório presente:

«E se a verdade do profano passasse ao sagrado, & entrando por esses templos chegasse a esse nosso, & subisse a esse pulpito, & despedisse hu rayo de luz para esta parte do auditorio, & outro rayo de luz para estoutra; que seria, que aconteceria? Eu não sey; se à presença de tanta luz estremecidos os meus ouvintes de verem os defeitos, & manchas de suas almas, dirião tambem com os mais: *Exi a me veritas*»¹³⁴.

Nem a Inquisição escapa à verbe acusatória vieirense. Aqui o sarcasmo é um desabafo íntimo de desforço pela injustiça que havia sofrido no Tribunal do Santo Oficio que se preocuparia apenas com as delações do que se dizia e escrevia enquanto ofensivo à fé católica¹³⁵. O momento para o reparo, aliás breve, que lhe proporciona o discurso, é a hipocrisia de uma fé desacompanhada de sinceridade e coerência interior que não ficaria impune à justiça divina:

¹³³ Manoel da SYLVA, «Sermão Segundo da Quinta Dominga da Quaresma em Santarém», in *Sylva Concionatoria*, t. IV, ed. cit., 246.

¹³⁴ Manoel da SYLVA, «Sermão Segundo da Quinta Dominga da Quaresma em Santarém», in *Sylva Concionatoria*, t. IV, ed. cit., 246-247.

¹³⁵ Apesar de o sermão haver sido pregado em 1655, o texto não escapou à revisão em ordem à estampa. Aliás, isso sucedeu com vários outros onde foram reformadas ou acrescentadas diversas passagens, como se poderá ver num confronto entre os textos da *editio princeps* e sermões publicados em avulso, após serem proferidos. Recorde-se que no regresso de Vieira a Lisboa, principiou, no ano de 1663, o seu processo na Inquisição que terminaria em 1668, tendo voltado no ano seguinte a pregar. A seguir foi para Roma a pretexto de activar a canonização dos Mártires do Brasil, mas com o intuito de se ver reabilitado da condenação inquisitorial. Ver, a propósito, entre outros o que escreveu o seu primeiro biógrafo e confrade P. André de BARROS, *Vida do Padre António Vieira* [1745], Lisboa, 1958, 216-224.

«Enquanto negarem a fé só com as obras, e não com a palavra, não bastará esta culpa para que a Santa Inquisição da terra os condene e mande queimar na Ribeira...»¹³⁶.

Em contraste, perpassa um acento de anti-semitismo na pregação de Fr. Urbano de Santo António, aliás vulgar na sermonária coeva, pretextado pela letra do evangelho daquele domingo, que mostrava a honestidade agressiva dos interlocutores de Jesus, decididos a apedrejá-lo¹³⁷. Se parecem homens porque racionais, os judeus, acentua o orador, não o são por não possuírem a verdade da razão, nem a desejarem¹³⁸. E, porque assim acontece, volta a esgrimir com o trocadilho, falta-lhe a razão da verdade, assemelham-se as víboras, palhas para o fogo, hipócritas malignos, infernais serpentes¹³⁹.

Recorrendo, também, ao paralelo passado/presente, agora a propósito da responsabilidade que assistia ao Portugal católico em ser mais fiel à fé recebida no berço, acaba Fr. Cristóvão de Foyos, embora sem a contundência de Vieira, por atingir o mesmo alvo, no sermão do 5º Domingo da Quaresma pregado em 1673, na Capela Real¹⁴⁰. A graça e a liberdade divinas fizeram com que os portugueses surgissem longe de gentios, islamitas, judeus e protestantes, pois, podendo «nascer na Turquia, nos interiores da Asia, na barbaia da Affrica, ou da America», e se criassem e doutrinassem «entre mil tontisses de Rabinos, entre seytas venenosas de Herejes, bebendo com o leyte entranhando na alma a afeição a seus erros»¹⁴¹.

A nobreza e o braço eclesiástico continuavam a ser dignos de repreensão, pois era destoante a sua conduta social e responsável pelo abastardamento da fé e da moral cristã:

De maneyra que sendo Deos sómente obrigado a nos assistir,
& a se nos dar a conhecer da sorte que vos expliquey; podendo (sem nos fazer injustiça) leyxarnos lá nascer na Turquia, nos interiores da Asia, na barbaria da Affrica, ou da America; podendo (licitamente)

¹³⁶ António VIEIRA, «Sermão da Quinta Dominga da Quaresma (Pregado em Lisboa, no ano de 1655)», in *Sermões*, vol. e edição citados, 207.

¹³⁷ Urbano de SANTO ANTÓNIO, «Sermam da Quinta Dominga», in *Sermoens das cinco Domingas da Quaresma*, 69.

¹³⁸ Urbano de SANTO ANTÓNIO, «Sermam da Quinta Dominga», in *Sermoens das cinco Domingas da Quaresma*, 78.

¹³⁹ Urbano de SANTO ANTÓNIO, «Sermam da Quinta Dominga», in *Sermoens das cinco Domingas da Quaresma*, 78-79.

¹⁴⁰ C. FOYOS, «Sermam da Quinta Dominga da Quaresma...», ed. cit., 10.

¹⁴¹ C. FOYOS, «Sermam da Quinta Dominga da Quaresma...», ed. cit., 10.

dispor que nos criassemos & doutrinassemos entre mil tontisses de Rabinos, entre seytas venenosas de Herejes, bebendo com o leyte & entranhando na alma a affeição a seus erros, difficultosa por esta causa de se vir alguma hora a perder; podendo (digo) ordenar a Soberana providencia, sem nisso nos fazer agravo ou semrazam, que fosse o nosso nascimento, a nossa criação, & os nossos auxilios, assim como sam os auxilios, a criação, & o nascimento de tantos; foy tal, & tam liberalmente abundante para comnosco a sua misericordia, q̃ nos poz em Portugal. Em Portugal; onde a Verdade Catholica, & o espelho puro da fé, desde que se conheceu atequi, nam admitiu o menor argueyro. Em Portugal; onde sempre foy a virtude o mayor timbre do valor, & o melhor brazam da Nobreza. Em Portugal; onde (quando Deos queria) eram tantas as casas de exemplo, como agora as de prazer. Em Portugal; onde com admiraçam da modestia, mal se achava differença (mas por diverso modo d'agora) entre o Ecclesiastico & o Secular, entre o religioso & o profano. Em Portugal; donde os Estrangeyros levavam sempre para suas patrias, nem tâtas drogas como hoje, mas melhores exemplos que agora: empenhando-se mays os nossos Mayores nas materias da admiraçam, que nas conveniencias do tratto. Em Portugal finalmente; onde alem de tantos documentos passados, que podem ser auxilios efficacissimos para agora, temos ainda hoje, ou hoje mays que em nenhum tempo, tantos & tam continuos os Mestres, os Doutores, os Prégadores, os Sacerdotes, as clausuras, os Divinos officios, as cerimonias, os sacrificios, os Sacramentos; & tudo o mays que pertence assim ao conhecimento & veneraçam do verdadeyro Deos, como ao nosso remedio...»¹⁴².

Aspecto comumente verberado ao tempo, no púlpito, por susceptível de arbitrariedades e vulnerável a pressões e corrupção, eram as deliberações governativas e a aplicação da justiça nos tribunais.

Ao pretender ilustrar o asserto de que as desordens humanas têm como causa o não ligar-se importância ao que a vontade divina ordena que em consciência se faça, Fr. Cristóvão de Foyos aponta, como evidentes ressaibos irónicos, a grande verdade tão notória já na sociedade coeva, a da venalidade do voto:

¹⁴²C. FOYOS, «*Sermam da Quinta Dominga da Quaresma...*», ed. cit., 10-11.

«Os Cōselhos & os Tribunaes; sabeys q se instituiram, para que nelles se decretasse o que fosse mays acertado, & como tal julgado, ou pela intelligencia dos textos na Relaçam; ou pelo entendimento dos Coselheyros no Ultramarino v.g. ou no de Guerra. Daqui vem, q̃ nam dizemos, nẽ devemos dizer, Foy vontade de tal Desembargador, que se enforcasse o ladram; ou Foy gosto de tal Coselheyro, q̃ se trattasse da restauraçam da Índia (ponho isto por exemplo): senam, Foy voto de tal Desembragador, q̃ o ladram devia ser enforcado; Foy parecer de tal Coselheyro, q̃ a Índia se devia restaurar. Demaneyra q̃ nam explicaremos bem as determinaçoens dos Cōselhos ou Tribunaes, se lhe dermos nome de arbitrios: porq̃ ali nam obra (quero dizer) deve nam obrar a vontade. Explicarnoshemos bem, & assim de facto nos explicamos, dandolhe nome de votos: por q̃ votar he entender, ou he dizer o q̃ entende. Ora bẽ. Supponhamonos agora: Cōselheyros? He muyto. Nam nos mettamos nisso. Desembargadores: tambẽ nam. Podem-se picar, ou darse por picados muy facilmente»¹⁴³.

O pior é que desta condenável prática não se isentavam os eclesiásticos, como se verificava, com particular realce, em capítulos conventuais e cabidos diocesanos:

«Os Ecclesiasticos somos mays soffridos: & nam quero q̃ digaes, q̃ me lâso de fóra. Suponhamonos frades, ou clerigos: frades em Capitulo, ou clerigos em Cabido. Isto he cousa supposta, seja o Cabido lá de fóra do Reyno. Votemos. Primeyramente, Eu voto no meu parcial. Tã, que ... Nam ha q̃ tratar: Voto no meu parcial. E vòs là no Cabido onde agora vos constituhi, em que votays? Eu o direy sem q̃ mo digam. Vós votays no vosso parente: aquelle vota no seu Capellam: este no seu pagem: aquelle no q̃ lhe deu: aquelloutro no q̃ esperaq̃ lhe há de dar: *sic de caeteris*. E temos votado todos. E qu' he do juízo? (da consciência nam trattemos nós, que disse nam se tratta). Mas q̃ he o q̃ fez aqui nestas eleyçoens o miseravel, o pobre do entendimento desgraçado; q̃ melhor lhe fora nam ter nascido? (como lá disse Cristo de Judas, por vèder huma só vez a verdade). Entendeu por ventura, q̃ está bem dado aquelle officio,

¹⁴³ C. FOYOS, «*Sermam da Quinta Dominga da Quaresma...*», ed. cit., 14-15.

aquella dignidade, aquella Igreja? Entendeu, ã estão bem deparadas aquellas ovelhas, & bẽ proporcionado aquelle pastor? Sim: porã ainda ã o meu amigo, ou o meu criado nam presta, eu quero ã elle tenha: & como quero ã tenha, logo me parece ã presta.»¹⁴⁴.

Outros dos males verberados era o comércio ultramarino, numa sociedade em que a mercância com o além-mar constituía um pilar fundamental da vida económica da nação. Sabia-se de variadíssimas injustiças, roubos, dolos, crimes, e vis opressões, que manchavam as mãos, torturavam as vidas e oneravam as consciências. Não surpreende, pois, que em “dia das verdades” os pregadores denunciem essa riqueza, fruto de negócios escuros, onde a fraude e a mentira haviam tido grande quinhão.

O estremecimento do apóstolo Pedro ao ver entrar Jesus na sua barca, segundo refere o apóstolo S. Lucas no relato evangélico, é um recurso de que se serve o jesuíta Manuel da Silva, no sermão do 5º Domingo da Quaresma de 1684, para ilustrar a surpresa do pecador ao deparar com a luz divina que o faz sentir o travo amargo de uma consciência culpada¹⁴⁵. A acomodação escolhida permite-lhe delatar o que se passava nas naus que regressavam da Índia e do Brasil:

«Oh se a verdade lá da barca de hum pobre pescador, qual era Pedro, passasse a hua dessas naos do mar largo, da agua doce se fosse à salgada, & entrando em huma dessas embarcaçoens de alto bordo, lançasse hũ rayo de luz por baixo daquellas suas cobertas, & convezes tam lobregos; pelo escuro, & tenebroso daquelles seus lastros, & camarotes, até chegar a penetrar, & descubrir, não digo eu já aquella grande carga de drogas, & mercancias, com que se acha; mas aquella grande carga de encargos de consciência, com que talvez forão adquiridas; que de consciências se verião então mais inquietas, que os atomos do pó à luz do Sol, mais enredadas, & embaraçadas, que as redes da barca de Pedro! Pois não entre cá nas cubertas, & camarotes da nossa consciência a luz da verdade: *Exit a me veritas*»¹⁴⁶.

¹⁴⁴ C. FOYOS, «*Sermam da Quinta Dominga da Quaresma...*», ed. cit., 15.

¹⁴⁵ Manoel da SYLVA, «Sermão Segundo da Quinta Dominga da Quaresma em Santarém», in *Sylva Concionatoria*, t. IV, ed. cit., 244.

¹⁴⁶ Manoel da SYLVA, «Sermão Segundo da Quinta Dominga da Quaresma em Santarém», in *Sylva Concionatoria*, t. IV, ed. cit., 245-246.

Merecem-lhe igual reprovação as desonestidades e negócios especulativos que se verificavam na prática do comércio corrente nos locais de mercado destinados aos bens de consumo que as pessoas diariamente frequentavam para comprar o que desejavam ou abastecer-se do que careciam:

«E se a verdade lá do mar alto tomasse porto, saltasse em terra, & dêsse hũ passeyo por estas nossas ruas despedindo hum rayo de luz por essas tendas, & por logeas de trato, & cômércio, que de ordinario se achão tam escuras, & sombrias; que vendas, que compras, que usuras, que onzenas, que enredos de consciencias se descobririaõ mais inquietas, & alteradas que as ondas do mar com os assopros do vento! Pois não entre cá na tenda, ou alojamento da nossa consciencia a luz da verdade: *Exi a me veritas.*»¹⁴⁷.

Por fim, o tópicio da justiça mal administrada, vício generalizado e nunca assás recriminado, resultante da venalidade dos magistrados, merece a denúncia de Fr. Urbano de Santo António, pregando neste preciso domingo de 1690, em Setúbal, ao apontar jocosamente as compensações que os juízes receberiam em troca dos favores concedidos ilicitamente no exercício da sua profissão:

«Dá-se hum Ministro de justiça a vara, & achase taõ limitado, que nem para a comprar lhe chegaõ os cabedais; toma este Ministro a vara, & a poucos dias, desde a primavera da vestia, adorno da salla, pintura dos quadros, jardim da quinta, offerta do regalo, tem flores este Ministro. E donde nacéraõ estas flores, da raiz da vara, *de radice?* Não. Porque nacéraõ da vara. A vara para dispór a verdade da justiça, como Christo a dispoz, desde a raiz havia ter as flores; mas porque a justiça não dispoz com a verdade teve da vara as flores. E que justiça com verdade pòde dispòr esta vara? Nenhã. Porque a verdade da justiça he pura como a virtude: *Est virtus.* E quem não tem desta pureza a virtude, nem a virtude da justiça, nem a pureza da verdade pode no mundo obrar.»¹⁴⁸.

¹⁴⁷ Manoel da SYLVA, «Sermão Segundo da Quinta Dominga da Quaresma em Santarém», in *Sylva Concionatoria*, t. IV, ed. cit., 246.

¹⁴⁸ Urbano de SANTO ANTÓNIO, «Sermam da Quinta Dominga», in *Sermoens das cinco Domingas da Quaresma*, 75

Conclusão

Os sermões do Domingo das Verdades, de tradição litúrgica em Portugal ligado ao 5º da Quaresma, ou seja, ao da Paixão, revestem-se de uma originalidade que é de assinalar com certa pertinência. A análise do texto evangélico reconheça-se que era, de resto, propícia à incursão na vida social dos fiéis. O processo retórico da acomodação da letra e sentido do texto sagrado a situações, que importava assinalar, permitia a denúncia de vícios e situações, casuisticamente concretizados, cuja agressividade, por ventura utilizada, beneficiava da liberdade do púlpito – uma tolerância que o poder com dificuldade aceitava, mas era forçado a suportar. Safam delatadas verdades amargas que os pregadores verberam causticamente, pela crueza, ironia, sarcasmo e arrojo na denúncia de hipocrisias e incongruências, numa espécie de tribuna de opinião responsável.

João Francisco Marques

Abstract:

The sermon of the Portuguese Baroque is shaped by historical, cultural, sociological and devotional circumstances, marked by the milieu of the time and by Tridentine discipline and doctrinarian guidelines. Baroque preaching of an evangelical tone, when present, reverberated like a courageous denouncement of the lack of “fear of God and love of virtue”. Occurrent pretexts were often used which led the sermon, perceptibly or subtly, down paths which revealed social and political concerns that needed to be addressed. The freedom enjoyed at the time by the pulpit is thus reflected in the orientation and contents which several canonical orators – like Father Antonio Vieira, Father Manuel da Silva, Friar Cristóvão de Almeida, Friar Cristóvão de Fóios and Friar Urbano de Santo António – bestowed on their sermons for the 5th Sunday of Lent, the Sunday of Reckoning (“Domingo das Verdades”). They are therefore some of the most emblematic specimens of the time, especially of the 1600s, by reason of the critical eye with which they viewed contemporaneous Portuguese society.

